



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

Marcela Silva Adam
Maryane Cristina de Souza

**LUZ, CÂMERA, AÇÃO!!! ONDE ESTÃO OS ATORES SOCIAIS?: participação e
engajamento social na Revolução dos Baldinhos.**

Florianópolis/SC

2020

Marcela Silva Adam
Maryane Cristina de Souza

**LUZ, CÂMERA, AÇÃO!!! ONDE ESTÃO OS ATORES SOCIAIS?: participação e
engajamento social na Revolução dos Baldinhos.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em
Administração do Centro Socioeconômico da
Universidade Federal de Santa Catarina como requisito
parcial para a obtenção do título de Bacharel em
Administração.

Enfoque: Aplicado.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Helena Kuerten de Salles.

Florianópolis/SC

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Adam, Marcela Silva

LUZ, C MERA, AÇÃO!!! ONDE ESTÃO OS ATORES SOCIAIS? :
Participação e engajamento social na Revolução dos Baldinhos
/ Marcela Silva Adam, Maryane Cristina de Souza ;
orientador, Helena Kuerten de Salles, 2020.

94 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, , Graduação em
Administração, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Administração. 2. Economia Solidária. 3. Organização
da Sociedade Civil. 4. Inovação Social. 5. Empreendimentos
Econômicos Solidários. I. Souza, Maryane Cristina de. II.
Salles, Helena Kuerten de. III. Universidade Federal de
Santa Catarina. Graduação em Administração. IV. Título.

Marcela Silva Adam
Maryane Cristina de Souza

**LUZ, CÂMERA, AÇÃO!!! ONDE ESTÃO OS ATORES SOCIAIS?: participação e
engajamento social na Revolução dos Baldinhos.**

Este trabalho de curso foi julgado adequado e aprovado na sua forma final pela Coordenadoria Trabalho de Curso do Departamento de Ciências da Administração da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 28 de novembro de 2020.

Prof.^a Dr.^a. Helena Kuerten de Salles
Coordenadora de Trabalho de Curso

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Helena Kuerten de Salles
Orientadora

Prof. Dr. Renê Birochi
Avaliador

Doutoranda Aghata Karoliny Ribeiro Gonsalves
Avaliadora

Dedicamos este trabalho aos nossos pais,
professores e amigos por todo incentivo e apoio na
conclusão dessa etapa.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas nos apoiaram em nossa trajetória acadêmica tornando possível a finalização dessa etapa e gostaríamos de demonstrar nosso agradecimento com esta singela homenagem.

Em primeiro lugar, agradecemos aos nossos pais, Maria José Silva e Augusto Adam Netto, da discente Marcela, Marlete do Carmo de Souza e Mauri Carlos de Souza, da discente Maryane, responsáveis por nos proporcionar todo o incentivo, amor e ensinamentos que tornaram esse trabalho possível. Vocês são essenciais em nossas vidas e nos tornam mulheres mais fortes a cada dia.

O mesmo sentimento se estende aos irmãos Ana Karoline de Souza, Gabriel Carlos de Souza e avós Domingos Estevão da Silva, Felicidade Hames da Silva da Maryane.

Aos nossos namorados Arthur de Oliveira Dellagiustina e Giovanni Alberto Crestani, pessoas que conhecemos nas últimas fases da graduação e foram fundamentais nessa conquista através do companheirismo e paciência compartilhados.

Aos nossos amigos, de diversas fases da vida, que tornaram os últimos 4,5 anos mais tranquilos e leves com suas companhias, além da crença incondicional em nossas conquistas.

A Cíntia Aldaci da Cruz, que nos recebeu com imenso carinho na Revolução dos Baldinhos, nos proporcionou uma ótima experiência no período em que estávamos no projeto de extensão e nos apoiou na realização do nosso Trabalho de Curso.

A nossa orientadora Prof.^a Dr.^a Helena Kuerten de Salles que compartilhou conosco seus conhecimentos sem medir esforços ao longo dessa caminhada para tornar este trabalho de conclusão de curso possível. A você, professora, nosso agradecimento especial por ter se tornado mais que uma docente, uma amiga que esperamos ter perto de nós para sempre. Temos um grande sentimento de orgulho e exemplo a ser seguido pela grande profissional e ser humano que tivemos o privilégio de estar ao nosso lado. Acolhedora, atenciosa e dedicada são algumas das qualidades que encontramos para defini-la. Nosso eterno agradecimento e admiração.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão visa analisar a participação e o engajamento social na organização da sociedade civil (OSC) Revolução dos Baldinhos, localizada em Florianópolis-SC, a fim de sugerir reflexões sobre a história da organização mediante uma atividade coletiva. Mais especificamente, trata-se de explorar, por meio da narrativa de atores representativos da Revolução dos Baldinhos, a questão de participação e engajamento, interpretando-os à luz da economia solidária. Tomando por base o propósito deste estudo, é necessário: 1) contextualizar a Revolução dos Baldinhos; 2) identificar membros expressivos ao longo da história da Revolução dos Baldinhos; 3) organizar e conduzir uma Roda de Conversa com os membros identificados na etapa anterior; 4) capturar a Roda de Conversa em recurso audiovisual; e 5) eternizar a discussão, através da produção de um documento audiovisual editado à luz da Economia Solidária. Realiza-se, então, uma pesquisa de natureza aplicada com objetivo exploratório por meio de uma abordagem qualitativa. Diante disso, em conformidade com os objetivos da pesquisa, concluiu-se que a construção do histórico da Revolução dos Baldinhos é de grande valia, pois não existiam estudos que compusessem a perspectiva histórica e os seus desafios. Além disso, verificou-se que a questão de participação e engajamento é estrutural, e, está presente na organização desde seu princípio, em consequência de que no decorrer da história da Revolução dos Baldinhos não se preparou os agentes comunitários para gerirem a organização.

Palavras-chave:

Economia Solidária, Engajamento. Participação. Revolução dos Baldinhos.

ABSTRACT

This final paper aims to analyze the participation and social engagement in the civil society organization (CSO) Revolução dos Baldinhos, located in Florianópolis-SC, to suggest reflections about the history of the organization through collective activity. More specifically, it is about exploring - by the narrative of actors representing Revolução dos Baldinhos - the topic of participation and engagement, through the lens of solidarity economy. Based on the purpose of this study, it is necessary to: 1) contextualize Revolução dos Baldinhos; 2) identify the core members through the history of Revolução dos Baldinhos; 3) organize and conduct a conversation circle with the members identified in the previous step; 4) capture the conversation in an audiovisual media; and 5) eternalize the discussion through the production of an audiovisual document edited in the light of the solidarity economy. Then, applied qualitative research with an exploratory objective is carried out. Therefore, according to the research objectives, it was concluded that the construction of the history of the Revolução dos Baldinhos is of great value, as there were no studies about the historical perspective and its challenges. Also, it was found that participation and engagement are structural and has always been present in the organization, as a result of the fact that throughout the history of the Revolução dos Baldinhos, the responsible agents were not put to manage the organization.

Keywords:

Solidarity Economy. Engagement. Participation. Revolução dos Baldinhos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vista aérea do bairro Monte Cristo na região continental de Florianópolis	16
Figura 2 - Vista aérea do bairro Monte Cristo	17
Figura 3 - Dados estatísticos do IBGE sobre o bairro Monte Cristo	17
Figura 4 - Mapa de Renda per capita no bairro Monte Cristo	18
Figura 5 - Conjunto Habitacional Chico Mendes em Florianópolis.....	20
Figura 6 - Pontos de Entrega Voluntária (PEVs)	22
Figura 7 - Agentes comunitários e moradores participando da separação dos resíduos	22
Figura 8 - Ciclo da Coleta: informativo dos Agentes Jovens	23
Figura 9 - Apresentação de uma leira de compostagem pela líder comunitária.....	24
Figura 10 - Linha do tempo dos projetos aprovados para a Revolução dos Baldinhos	25
Figura 11 - Gráfico relacionando o número de agentes como voluntários e bolsistas de 2008 a 2012	25
Figura 12 - Palestra com Sahwenya Passuello	27
Figura 13 - Exposição do documentário Em Frente	27
Figura 14 - Primeiros encontros da equipe do projeto Pontes de Transformação.....	28
Figura 15 - Primeira visita da equipe na sede da Revolução dos Baldinhos.....	29
Figura 16 - Encontro final na sede da Revolução dos Baldinhos.....	30
Figura 17 - Bolsistas e voluntárias do BrGOV em reunião - 2019/2	31
Figura 18 - Oficina profissionalizante de criação de currículo aos estudantes do 8º e 9º ano .	32
Figura 19 - Oficina de bonecas Abayomis com as crianças do 4º ano	32
Figura 20 - As organizações que atuam no campo social e suas interfaces	35
Figura 21 - Caracterização de empreendimento solidário	47
Figura 22 - O ciclo da inovação social	55
Figura 23 - Convite da roda de conversa.....	64
Figura 24 - Cartaz com a linha do tempo da Revolução dos Baldinhos	65
Figura 25 - Foto dos participantes da roda de conversa	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Características do processo de trabalho e relações econômicas na Economia Solidária.....	40
Quadro 2 - Princípios de Economia Solidária segundo a III Plenária Brasileira de ES	41
Quadro 3 - Características da Economia Solidária conforme a ECOSOL	42
Quadro 4 - Princípios de economia solidária desenvolvido pelo Ministério da Educação para a Cartilha da Campanha Nacional de Mobilização Social	43
Quadro 5 – Princípios de economia solidária mais manifestados	43
Quadro 6 - Os diferentes tipos de inovações sociais	54
Quadro 7 - Constructo da Pesquisa.....	61
Quadro 8 - Reuniões de alinhamento para a realização da roda de conversa	62
Quadro 9 - Horários da Roda de Conversa.....	62
Quadro 10 - Cronograma da Roda de Conversa.....	63
Quadro 11 - Reuniões realizadas para a construção e ajustes no roteiro.....	67
Quadro 12 - Roteiro para o vídeo documentário	68
Quadro 13 - Discriminação dos itens doados/comprados	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento
BrGOV - Observatório de Governança Pública
CAPROM - Centro de Apoio e Promoção do Migrante
CEPAGRO - Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo
CESE - Coordenadoria Ecumênica de Serviço
COHAB - Companhia de Habitação
CONAES - Conferência Nacional de Economia Solidária
COMCAP - Companhia de Melhoramentos da Capital
COVID-19 - Coronavirus *Disease* 2019
CSE - Centro Socioeconômico
EAF - Entidade de Apoio e Fomento
ECOSOL - Grupo de Pesquisa em Economia Solidária
EEB - Escola de Educação Básica
EES - Empreendimento Econômico Solidário
ELETROSUL - Companhia de Geração e Transmissão de Energia Elétrica do Sul do Brasil
ES - Economia Solidária
FBES - Fórum Brasileiro de Economia Solidária
FGV - Fundação Getúlio Vargas
FM - Frequência Modulada
FTT - Frente Temporária de Trabalho
HBB - Programa Habitar Brasil
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICOM - Instituto Comunitário da Grande Florianópolis
LIG - Laboratório de Inovação e Gestão
MTE - Ministério da Economia
MTST - Movimento Sem Teto
MVP - *Minimum Viable Product*
NSC - Notícias de Santa Catarina
ODM - Objetivos de Desenvolvimento do Milênio
OGU - Orçamento Geral da União
ONG - Organização Não Governamental

ONU - Organização das Nações Unidas

OSC - Organização da Sociedade Civil

OSCs - Organizações da Sociedade Civil

PEV - Ponto de Entrega Voluntário

PEVs - Pontos de Entrega Voluntária

PRB - Projeto Revolução dos Baldinhos

RB - Revolução dos Baldinhos

RIC - Rede Interativa de Comunicação

SC - Santa Catarina

SENAES - Secretaria Nacional de Economia Solidária

SIES - Sistema Nacional de Informação em Economia Solidária

SMHSA - Secretaria Municipal de Habitação e Saneamento Ambiental de Florianópolis

SMHTDS - Secretaria Municipal de Habitação, Trabalho e Desenvolvimento Social

TV - Televisão

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

WFC - *World Future Council*

SUMÁRIO

1 DIAGNÓSTICO ORGANIZACIONAL	13
1.1 A organização da sociedade civil: Revolução dos Baldinhos.....	15
1.2 A problemática organizacional	25
1.3 Problema de Pesquisa	33
1.4 Objetivos	33
1.4.1 Objetivo Geral.....	34
1.4.2 Objetivos Específicos.....	34
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	35
2.1 Economia Solidária.....	35
2.1.2 Economia solidária e gestão social	49
2.1.3 Economia solidária e inovação social	52
3 PROPOSIÇÃO DE AÇÕES	58
3.1 Justificativa Teórica das Ações.....	59
3.2 Procedimentos Metodológicos.....	60
3.2.1 Orçamento das Ações	68
3.2.2 Resultados Esperados.....	69
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	76
APÊNDICES	83
APÊNDICE 1 - Termos de Autorização de Uso de Imagem e Áudio assinados:.....	83
APÊNDICE 2 – Orçamento serviço de mão de obra de estampas em camisetas:.....	92
APÊNDICE 3 – Diária de captação + edição e Segunda edição com novos materiais e criação:	93

1 DIAGNÓSTICO ORGANIZACIONAL

Em Florianópolis, mais especificamente na comunidade Chico Mendes localizada no bairro Monte Cristo, existe, desde 2008, a organização da sociedade civil denominada Revolução dos Baldinhos, caso de estudo do presente trabalho.

A comunidade em questão, assim como todas as outras ao seu redor, são fruto de ocupações irregulares de um antigo território federal conhecido como "Pasto do Gado", área particular utilizada para a criação de animais, que acabou sendo confiscada pelo Estado devido o acúmulo de impostos atrasados. Localizada às margens da BR-282 foi amplamente povoada entre as décadas de 1970 a 1990 como consequência do movimento migratório campo-cidade.

Diversas lutas pela posse da área foram travadas entre os moradores irregulares do local e o poder público. A ocupação desordenada resultou em diversos problemas, como a falta de saneamento básico, pouca disponibilidade de serviços de atendimento à população e déficit habitacional. O último contou com políticas de construção de habitações populares para solucionar parte do obstáculo.

No entanto, como frisado acima, apenas parte do déficit habitacional foi resolvido, pois a alta concentração de pobreza na comunidade favorece a moradia de diversas gerações de uma mesma família na mesma casa. Dessa forma, a região possui a maior concentração de moradores por residência do município de Florianópolis.

Aliado a situação de vulnerabilidade social das famílias que habitam a Chico Mendes, o território foi lócus, no ano de 2008, de um problema de saúde pública. O fato de o local possuir problemas com a falta de estrutura de saneamento básico somado à não abrangência total da Comcap na coleta de lixo, colaborou com a geração de excesso de resíduos depositados nas ruas ocasionando a proliferação de doenças. O meio mais comum da dispersão desse lixo nas ruas era através de sacolas reviradas e rasgadas por animais que gerou um surto de leptospirose, infecção causada pela exposição à urina contaminada dos ratos, levando a óbito dois moradores do bairro na época.

Diversos agentes comunitários se reuniram para encontrar uma solução viável para o problema. Dentre eles estavam as mulheres da Frente Temporária de Trabalho (FTT), Cepagro, profissionais do Centro de Saúde do Monte Cristo e representantes de associações do Complexo da Chico Mendes. Por meio dessas reuniões, depois de muito diálogo, chegou-se à conclusão

que para evitar o problema de saúde pública era necessário acabar com o despejo de lixo nas ruas e não apenas uma desratização da área.

Além de medidas preventivas como a educação dos moradores sobre o despejo correto do lixo, os agentes comunitários também concluíram que depositar os resíduos orgânicos em “baldinhos” com tampa possibilitaria a reciclagem desse material e evitaria o acesso de animais. Por esse motivo, o nome Revolução dos Baldinhos (RB) foi consolidado no projeto social, atualmente reconhecido como uma associação sem fins lucrativos.

Os resíduos passaram a ser coletados duas vezes por semana e encaminhados a um pátio de compostagem para transformação em composto orgânico. Depois de seis meses na leira fazendo o processo de compostagem, o material passa pelas etapas de peneiração e ensacamento. Posteriormente, após ficar pronto, uma parte do mesmo é distribuído entre as famílias que separam a matéria orgânica com o objetivo de estimular a agricultura urbana e a outra parte é comercializada para garantir renda a associação.

Esse método ganhou destaque no Brasil e também fora do país recebendo diversas premiações. Em ordem cronológica, a RB foi apresentada no Encontro Mundial do Slow Food em 2010. Em 2011, dois agentes comunitários foram ao evento Terra Madre em Turim na Itália apresentar a metodologia utilizada. Já em 2012, alguns de seus membros participaram do evento Rio +20 recebendo no local premiações importantes. Em 2013, a Revolução foi reconhecida pela Fundação do Banco do Brasil como Tecnologia Social de gestão comunitária de resíduos orgânicos e agricultura urbana possibilitando a replicação da metodologia utilizada para empreendimentos Minha Casa Minha Vida.

Além disso, em 2019 a organização da sociedade civil foi premiada em um concurso internacional, *Outstanding Practices in Agroecology*, organizado pelo *World Future Council* (WFC), sobre boas práticas agroecológicas em Berlim na Alemanha. Esse concurso selecionou as 15 melhores práticas de promoção da agroecologia participando 77 iniciativas apresentadas por 44 países. Logo, dentre todas as práticas de promoção a sistemas alimentares sustentáveis, um júri de especialistas elegeu 15 projetos sendo a Revolução dos Baldinhos um dos premiados.

1.1 A organização da sociedade civil: Revolução dos Baldinhos

Baseado em um contexto histórico de expansão urbana, nas últimas décadas do século XX, surgiram inúmeros processos de ocupação territorial de pessoas carentes em áreas periféricas das cidades, além de projetos de construção de conjuntos habitacionais populares em todo o Brasil. Em Florianópolis, tal fato não ocorreu de modo diferente. Um grande exemplo dessa situação foi a origem e crescimento do bairro Monte Cristo, local onde fica situada a Revolução dos Baldinhos, na região continental de Florianópolis.

A capital do estado de Santa Catarina, centro administrativo e político, frequentemente se torna alvo de processos migratórios por apresentar mais oportunidades de emprego, geração de renda e qualidade de vida quando comparada com cidades rurais interioranas. Dessa forma, no momento histórico abordado, os impactos urbanos-habitacionais vividos pela cidade de Florianópolis, segundo Pereira (2006, p.164), são sintetizados por esses eventos:

- a) expansão da estrutura urbana e dos órgãos estatais (1960-1970);
- b) crescimento e reestruturação do capital comercial, imobiliário e turístico (1970-1990);
- c) periferação e conurbação de Florianópolis com os três municípios vizinhos;
- d) identificação do conjunto habitacional como elemento de deterioração e segregação urbano-habitacionais resultado da política da COHAB (Companhia de Habitação) na região;
- e) expansão das áreas carentes (em 1992 em mais de 40 áreas) e surgimento dos sem-teto em meados dos anos 80 e sua generalização no início dos 90;
- f) processo de privatização e desregulação do solo urbano, resultando na segmentação espacial e social;
- g) agravamento do déficit e carência habitacional na região.

Cabe destacar que, com a vivência das discentes na organização Revolução dos Baldinhos, percebeu-se a grande frequência de relatos de moradores que se mudaram para o bairro Monte Cristo entre 1970 e 1990. Esses cidadãos, em sua grande maioria, relatam a vinda do interior do estado, sendo bastante mencionada a região oeste e planalto serrano, em função das condições de vida precárias em suas cidades natal e em busca de oportunidades. Tal narrativa pode ser vista também na cidade de Florianópolis:

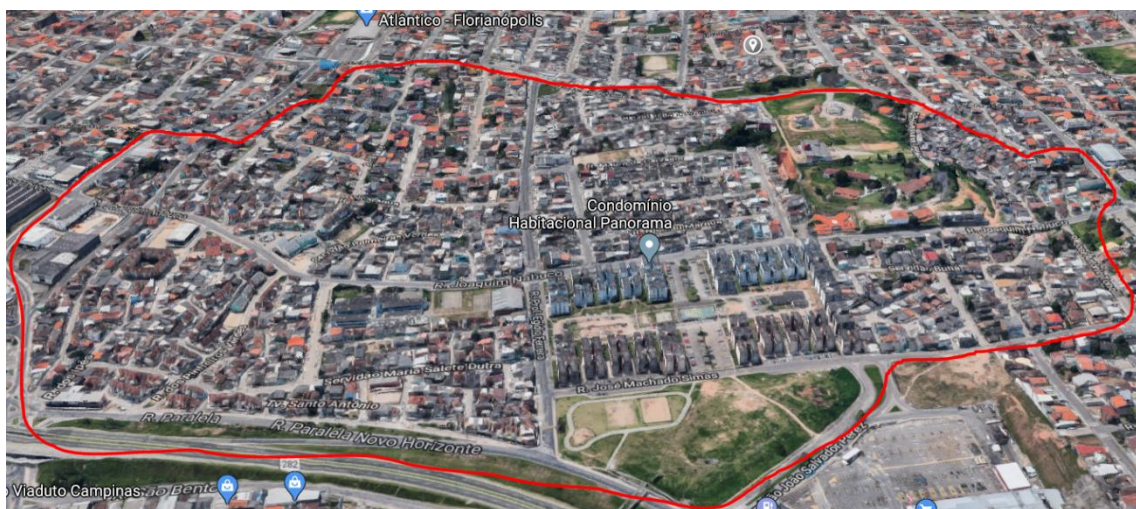
[...] Enquanto centro político e administrativo, tem atraído um grande contingente populacional, na maior parte, oriundo do interior do Estado. Esse fenômeno ocorre em função das precárias condições de vida no campo onde, em geral, essa população se constitui de mão-de-obra barata, não dispondo da propriedade de terra,

infraestrutura e de serviços básicos Sem acesso à compra de lotes urbanos ou sem condições de locação de moradia, estas famílias vêm ocupando áreas públicas ou privadas, resultando no aumento de “favelas”. Além disso, com baixo nível de escolaridade e com pouca ou nenhuma qualificação profissional, encontram dificuldades para inserção no mercado de trabalho. (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 2000)

Com grande frequência de relatos de moradores de origem rural, o estudo de Lino Peres, publicado em 2000, mostra que 38% dos residentes da comunidade Chico Mendes na época eram pessoas provenientes de áreas rurais. Esse fato é justificado pela crise da agricultura a partir dos anos 1970 aliado a falta de investimentos para as atividades rurais resultando na migração de famílias do campo para a cidade em busca de trabalho. Através do cenário exposto, é possível também destacar que a grande origem da carência habitacional e ocupações irregulares no Brasil se deve a essa ausência de políticas públicas efetivas voltadas ao incentivo da permanência nas áreas rurais.

Assim, como exemplo desse movimento populacional campo-cidade no século passado, a vinda de pessoas para o bairro Monte Cristo (figura 1) gerou uma ocupação desordenada e irregular dos espaços. Esse processo possui consequências negativas à própria comunidade instalada com a falta de urbanização, saneamento básico, serviços de assistência e habitações.

Figura 1- Vista aérea do bairro Monte Cristo na região continental de Florianópolis



Fonte: Google Maps

De acordo com Alves (2009), o panorama histórico das ocupações espontâneas e desordenadas dos três sub-bairros que formam o Complexo do Monte Cristo ocorreu em momentos diferentes. A Nossa Senhora da Glória surgiu em meados de 1970, já a Novo Horizonte e Chico Mendes foram originadas no final de 1980.

O território das duas últimas comunidades citadas pertencia a COHAB-SC, uma companhia estadual, resultando em lutas e movimentos de resistência com a reivindicação da posse e permanência no local, assim como melhorias na infraestrutura e qualidade de vida. Nos conflitos, os moradores contaram com o apoio do Movimento Sem-Teto (MST) e da CAPROM (Centro de Apoio e Promoção do Migrante). Com o passar dos anos, foram demarcadas as ruas e criados os espaços comunitários, assim como a conquista de alguns serviços de atendimento à saúde e educação que são capazes de atender apenas parte da grande população local.

Cabe ressaltar que, o bairro onde situa-se a organização em estudo, representado pela figura 2, de aproximadamente 8.100 metros², teve grande protagonismo de mulheres como lideranças em seu processo de ocupação e lutas por moradia ao longo da história. Tal realidade, também se aplica ao presente, possuindo como maior exemplo a própria Revolução dos Baldinhos, constituída na maior parte de seu funcionamento por lideranças femininas.

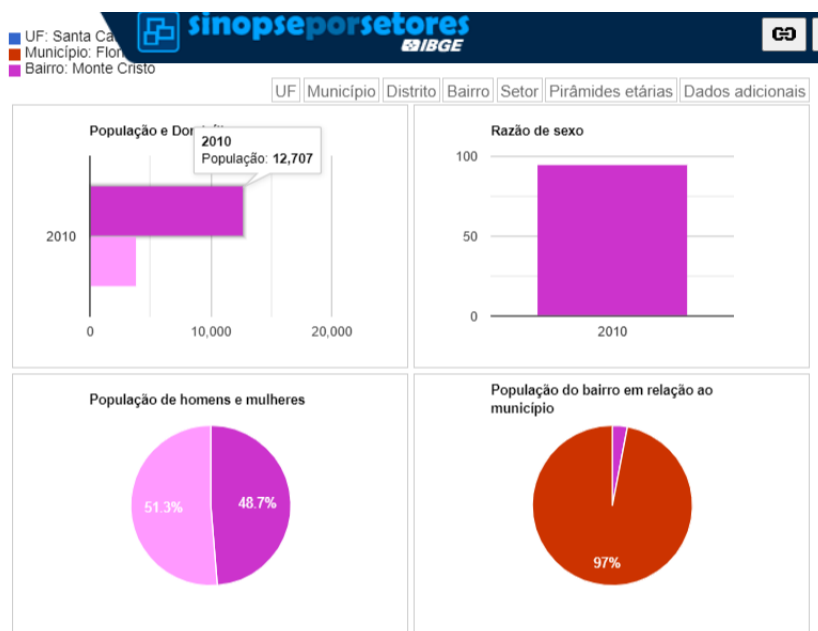
Figura 2 - Vista aérea do bairro Monte Cristo



Fonte: Imagem retirada do Portal NSC Total

Todos esses dados históricos refletem e impactam diretamente nas estatísticas capturadas sobre o bairro em questão. Segundo dados do último Censo realizado no Brasil, em 2010, figura 3, o Monte Cristo possuía uma população de mais de 12.707 pessoas vivendo em 3.822 domicílios representando o bairro de Florianópolis com maior número de moradores por residência.

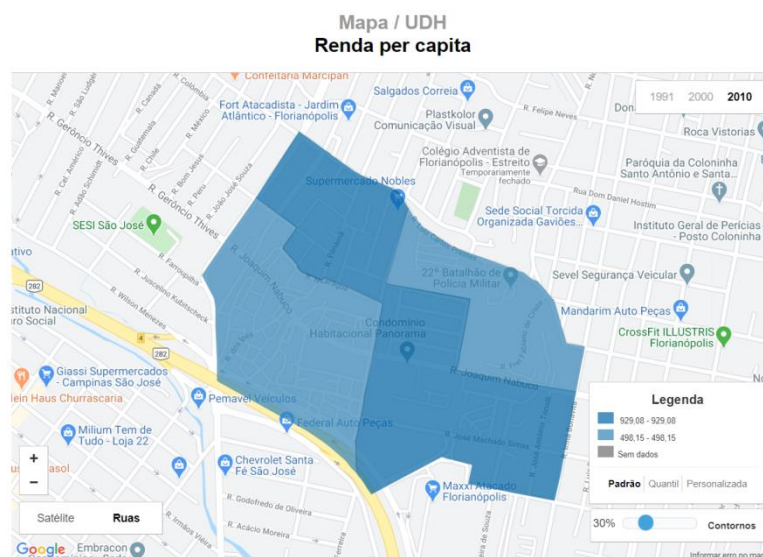
Figura 3 - Dados estatísticos do IBGE sobre o bairro Monte Cristo



Fonte: Plataforma Sinopse por Setores do IBGE com dados referentes ao Censo 2010

Além do problema relacionado à questão da moradia, o Monte Cristo também possui indicadores que apontam a grande concentração de pobreza na região. De acordo com o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, figura 4, a renda per capita em 2010 variou de 498,15 a 929,08.

Figura 4 - Mapa de Renda per capita no bairro Monte Cristo



Fonte: Plataforma Sinopse por Setores do IBGE com dados referentes ao Censo 2010

Essas informações evidenciam também a problemática do alto índice de criminalidade na região, famílias com elevadas taxas de pobreza, alta concentração de pessoas por moradia, assim como a grande deterioração das mesmas, desnutrição, analfabetismo, evasão escolar,

mortalidade infantil, entre inúmeros outros. Acrescenta-se também, a ampla necessidade da população local pela assistência médica do Sistema Único de Saúde e de escolas com ensino público.

Para reduzir o déficit habitacional na região, a Prefeitura Municipal de Florianópolis fez intervenções pontuais em territórios de ocupação entre 1978 a 1998. Nesses 20 anos, ações realizadas dentro do bairro Monte Cristo deram origem a diversas comunidades, ou sub-bairros, como: Novo Horizonte, Nossa Senhora da Glória, Nova Esperança, Promorar, Santa Terezinha I e II, Panorama, Pasto do Gado e Chico Mendes. No entanto, não é possível unificar em um único momento o processo de ocupação do bairro, uma vez que cada comunidade que o compõe possui um histórico de formação diferente entre si.

O objetivo das intervenções era prover habitações populares às famílias carentes em situação de vulnerabilidade social através da Secretaria Municipal da Habitação, Trabalho e Desenvolvimento Social - SMHTDS. Levando em consideração o local de estudo, em 1992, o Projeto Nova Esperança, localizado entre o conjunto Panorama e a Vila Santa Terezinha II, construiu casas para 50 famílias que haviam ocupado terras da prefeitura. Esses terrenos são muito próximos à via expressa (BR-282), principal via de acesso à Florianópolis.

Segundo o estudo de Pereira (2005), a prefeitura iniciou suas ações na Chico Mendes em 1994 em decorrência dos grandes problemas vivenciados na região. Nessa época, a comunidade já possuía a associação de moradores estruturada solicitando melhorias, principalmente na infraestrutura, e reivindicando o direito à terra. Essa reivindicação foi marcada por disputas territoriais entre a população que se instalou no local e a prefeitura, pois à medida que os moradores ocupavam a área, eles demarcavam o espaço e os referiam como comunidade para impor resistência frente ao poder público.

Em virtude desse panorama, o sub-bairro foi o primeiro de Santa Catarina a receber recursos do Programa Habitar Brasil BID/OGU - HBB. Suas ações compreenderam as comunidades Nossa Senhora da Glória, Novo Horizonte e Chico Mendes integrando o Complexo Chico Mendes. Por outro lado, para o programa iniciar suas ações a partir de 2000, contou-se com o apoio financeiro da União, Caixa Econômica Federal e Prefeitura. Em termos de resultado, segundo a Prefeitura Municipal de Florianópolis (2000), foram construídas 140 unidades habitacionais na Chico Mendes, totalizando 425 residências no Complexo e beneficiando em torno de 5000 pessoas. Atualmente, não há viabilidade espacial para a

expansão da área que possui alto adensamento populacional através dos conhecidos "puxadinhos" como observado na figura 5 abaixo.

Figura 5 - Conjunto Habitacional Chico Mendes em Florianópolis- Outubro/2012



Fonte: Retirada do site Questões dos Países em Desenvolvimento

Cabe destacar que, a Associação dos Moradores da Chico Mendes passou por muitas estruturações e melhorias possuindo nos dias atuais um estatuto próprio e diretoria formalizada com mandatos de dois anos. Esta instituição, por sua vez, luta até hoje por direitos básicos de infraestrutura, saúde, educação para a região se constituindo como importante ferramenta na busca de melhorias locais.

A dificuldade em manter a região limpa já existia muitos anos antes da Revolução ser originada em função da pouca ou nenhuma existência de estrutura de saneamento básico e coleta de lixo da COMCAP. Como resultado, os resíduos se acumulavam nas ruas proliferando animais e doenças. Segundo Alves (2009), como forma de solucionar esses déficits, foi criado em 1994 a Comissão do Meio Ambiente formada por moradores do Complexo da Chico Mendes. Com o auxílio de técnicos da Prefeitura Municipal, esses agentes foram instruídos sobre a destinação adequada do lixo para orientarem os demais moradores da região.

Posteriormente, em 1998, a Comissão se transformou na Frente Temporária de Trabalho - FTT com o objetivo de promover a prestação de serviços de limpeza e educação ambiental através de ações de sensibilização para melhorar a higienização da comunidade e a preservação do meio ambiente.

A FTT era formada por 10 moradores locais, preferencialmente desempregados, recebendo um salário mínimo mensal durante três meses. Após esse período, novas seleções de colaboradores eram realizadas para dar oportunidade a outros moradores. Cabe destacar que, o

Complexo da Chico Mendes, como já abordado antes, também é formado pelo sub-bairro Nossa Senhora da Glória e Novo Horizonte. Logo, a área de atuação da FTT se estendia a todo esse território em questão.

No ano de 2008, em decorrência de um surto de leptospirose no Complexo da Chico Mendes e a morte de dois moradores, diversos representantes da comunidade se reuniram para discutir o problema e encontrar soluções. Dentre eles estavam a Frente Temporária de Trabalho, profissionais do Centro de Saúde do Monte Cristo, representantes das escolas, creches e associações, além do Cepagro - Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo. O último já era atuante na região desde 2006 promovendo ações de agricultura urbana com o Projeto Ambiental na Escola América Dutra.

Nessas reuniões em conjunto com diversas entidades locais, concluiu-se que a leptospirose não chegaria ao fim apenas com uma desratização da área, mas sim com outras medidas para evitar o despejo de lixos nas ruas e a proliferação de ratos. Lembrando que, os agentes da FTT já trabalhavam no processo de limpeza e educação ambiental na comunidade antes dessa reunião, já que a coleta de lixo pela COMCAP não chegava a todos os pontos da região.

A solução mais efetiva encontrada foi a de tomar medidas de prevenção ao educar os moradores a não despejar lixo orgânico nas ruas ou em sacolas plásticas no chão, pois são facilmente violadas por animais causando a continuidade da proliferação de doenças. Como o Cepagro já fazia anteriormente a compostagem de resíduos orgânicos originários da escola básica do bairro, sugeriu-se utilizar essa mesma metodologia, com o depósito do lixo em bombonas e posterior compostagem, para resolução do problema.

Dessa forma, a parceria com todos esses atores sociais foi estabelecida e aconteceu a fundação da Revolução dos Baldinhos. A mesma é uma organização da sociedade civil localizada na Chico Mendes, com origem em 2008, focada na gestão comunitária dos resíduos orgânicos associada à prática da agricultura urbana como resposta a um problema de saúde pública. As primeiras integrantes do projeto foram Eunice Brasil e Rose Helena Oliveira Rodrigues, membros da FTT na época, com o auxílio de técnicos do CEPAGRO, que começaram a fazer a sensibilização das famílias entregando pequenos baldes para elas armazenarem seus resíduos orgânicos e, posteriormente, depositarem nos Pontos de Entrega Voluntária (PEV), representado pela figura 6, mais próximos de suas casas.

Figura 6 - Pontos de Entrega Voluntária (PEVs)



Fonte: Reportagem RIC TV exibida em 2017.

Depois da fase de sensibilização ganhar força e aderência dos moradores, os resíduos orgânicos depositados nos PEVs passaram a ser coletados duas vezes por semana e destinados às composteiras no pátio da Escola Estadual América Dutra Machado. No início, o transporte dos resíduos era feito com o auxílio de um carrinho de mão depois com carrinhos de supermercado, e posteriormente, com uma plataforma com quatro rodas apresentada na figura 7.

Figura 7 - Agentes comunitários e moradores participando da separação dos resíduos



Fonte: Cepagro

A metodologia ou o Ciclo da Coleta, como abordado na figura 8 abaixo, é composta por diversas etapas. Para se tornar possível, ela depende da formação de um grupo comunitário que se responsabilize pela coordenação da gestão dos resíduos, sensibilização das famílias, aplicação das técnicas de compostagem e incentivo da agricultura urbana com o uso do adubo orgânico produzido.

Figura 8 - Ciclo da Coleta: informativo dos Agentes Jovens



Fonte: CEPAGRO

De forma mais detalhada, o primeiro passo é a sensibilização que ocorre nas casas das famílias através da instrução de como separar os resíduos orgânicos de forma correta, assim como sua importância e vantagens ao meio ambiente. Posteriormente, os restos de comida armazenados nos baldinhos pelas famílias sensibilizadas são coletados e levados para o pátio de compostagem na escola.

Dessa forma, os resíduos são despejados nas leiras e colocam-se palhas e serragens por cima para a compostagem iniciar (figura 9). O processo biológico de decomposição conta com condições físicas e químicas ótimas com fatores de porosidade, teor de oxigênio, umidade, e

principalmente a temperatura da leira. O período de tempo necessário para formar o adubo é de 6 meses.

Figura 9 - Apresentação de uma leira de compostagem pela líder comunitária



Fonte: Acervo das autoras.

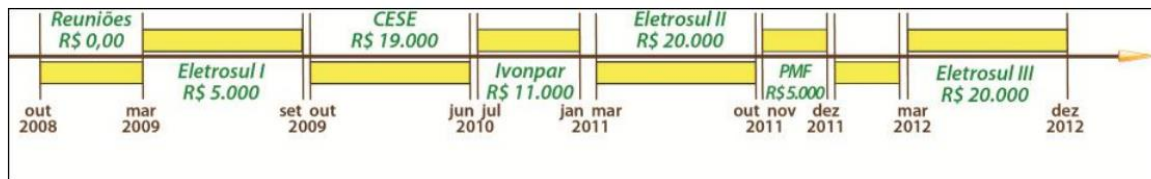
Após esse tempo, o material é levado até a peneiração para depois ser ensacado e distribuído às famílias que separam as matérias orgânicas e depositam nos PEVs. A outra parte restante é comercializada na sede da Revolução dos Baldinhos para gerar renda para a organização. Cabe lembrar que a Revolução é uma associação sem fins lucrativos e, assim, todo o dinheiro que entra em seu caixa é revertido para a subsistência da organização.

Nos primeiros anos de atuação, foram muitos os prêmios e editais vencidos pela Revolução com o intuito de arrecadar bolsas de remuneração para pagar os trabalhadores (figura 10). Segundo Abreu (2013), o primeiro edital, em dezembro de 2008, foi originário do fundo social da ELETROSUL no valor de R\$5.000 utilizado na compra de equipamentos e no pagamento de duas bolsas de R\$216,32 mensal para as duas agentes comunitárias pioneiras, Eunice e Rose Helena, durante seis meses iniciando em março de 2009 os pagamentos.

De outubro de 2009 até junho de 2010, foi possível o pagamento de bolsas a mais dois jovens da comunidade e a manutenção das agentes iniciais através do Prêmio Ambiental do CESE. De junho de 2010 até janeiro de 2011, a Revolução dos Baldinhos foi contemplada com o prêmio do Instituto Vonpar. Um segundo apoio da Eletrosul permitiu a remuneração de cinco jovens durante março de 2011 até outubro de 2011.

A Secretaria Municipal de Habitação e Saneamento Ambiental de Florianópolis (SMHSA) garantiu as bolsas de novembro a dezembro de 2011. Porém, sem apoio financeiro entre janeiro a fevereiro de 2012, ocorreu a saída de três agentes restando apenas duas pessoas. Um terceiro apoio da Eletrosul financiou as atividades de março até dezembro de 2012 para quatro bolsistas. Também surgiu a premiação Caixa ODM mantendo dois bolsistas até abril de 2014. Como forma de sintetizar esses dados, apresenta-se a figura 10 em seguida.

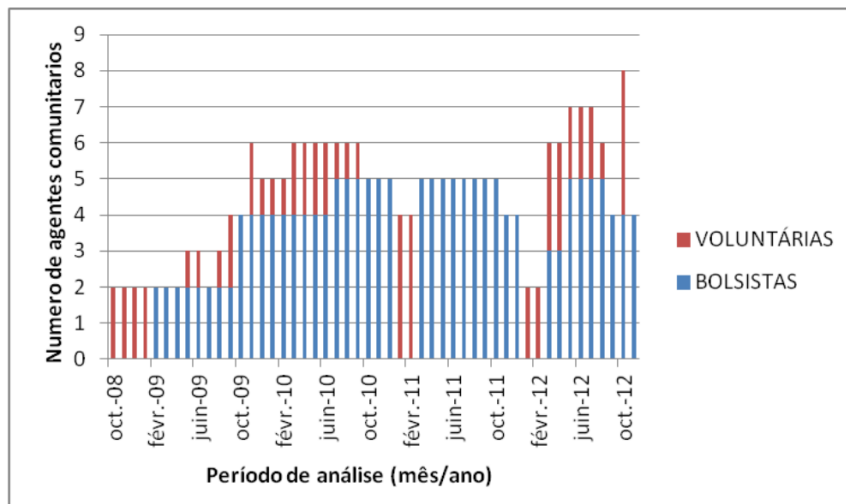
Figura 10 - Linha do tempo dos projetos aprovados para a Revolução dos Baldinhos



Fonte: Abreu (2013)

O tamanho do grupo comunitário atuando no projeto da sociedade civil oscilou bastante em função da existência das bolsas. Durante alguns períodos, parte dos colaboradores atuavam de forma voluntária enquanto outros eram remunerados. A figura 11, do mesmo autor, mostra claramente essa oscilação abordada. Esse gráfico representa também uma grande fragilidade e dependência de recursos durante o período de análise.

Figura 11- Gráfico relacionando o número de agentes como voluntários e bolsistas de 2008 a 2012



Fonte: Abreu (2013)

1.2 A problemática organizacional

As autoras desse Trabalho de Conclusão de Curso participaram, durante todo o ano de 2019 até 2020, do Projeto de Extensão Universitária “Pontes de Transformação”. As atividades realizadas nos dois primeiros semestres possuíam como foco e local de estudo a Associação Revolução dos Baldinhos ocorrendo sob a coordenação da Prof^ª Dr^ª Helena Kuerten de Salles

com parceria das Prof^a Dr^a Taisa Dias e Julia Graeff e da entidade externa Social Good Brasil, representada pelas *fellows* Larissa e Mayte.

A aproximação com a organização aconteceu com o estudo dos conceitos de Economia Solidária e Inovação Social, idas à campo, observações, rodas de conversa, *brainstormings* e planos de ação. Para facilitar a exemplificação das situações do dia-a-dia de trabalho da associação e como aconteceu a identificação do problema aqui abordado, será feita a explicação abaixo dividida em ordem cronológica.

A vivência na Revolução dos Baldinhos iniciou-se no primeiro semestre de 2019. As professoras coordenadoras do projeto de extensão buscavam uma ideia de onde atuar, vinculando o projeto a uma organização da sociedade civil, e por intermédio da Larissa Kroeff, foram apresentadas à Cíntia Aldaci Cruz, líder comunitária da RB. Assim, a mesma foi convidada a vir até a UFSC participar de um encontro, e nesse momento, ela expôs a história da associação e os principais desafios e problemas vivenciados. Para todos os presentes na reunião ficou muito visível o potencial da iniciativa comunitária e como a universidade poderia auxiliá-la nas demandas expostas.

No entanto, ao longo desse encontro, Cíntia relatou o fim da parceria entre a Revolução dos Baldinhos e o Cepagro durante sua liderança. Ela identificou a dificuldade das pessoas externas à comunidade reconhecerem a organização como um projeto pertencente aos moradores da Chico Mendes. A grande maioria das pessoas associavam a ação comunitária ao Centro de Pesquisa em razão da mesma ser bastante conhecida na cidade, muito abordada em reportagens na televisão e internet, além de ter como membro o Marcos José de Abreu (Marquito), atual vereador da capital, como figura central da atuação no projeto.

Dessa forma, o objetivo da suspensão da parceria com o Cepagro foi trazer de volta o senso de pertencimento da Revolução à comunidade. Então, Cíntia nos informou que não gostaria de ter a atuação do projeto de extensão Pontes de Transformação da mesma forma que aconteceu com o Centro de Pesquisa ao longo dos anos. Informou também da sua necessidade de apoio na RB mas gostaria de um trabalho da universidade sem protagonismo.

Quando o Cepagro atuava na Revolução dos Baldinhos, eles possuíam equipes de *marketing* para fortalecer a imagem da organização. Além disso, existiam pessoas voltadas à procura de bolsas de remuneração para os agentes comunitários, inscrições em editais e de fornecer suporte financeiro para financiar os projetos. Quando a parceria foi suspensa, diminui

sensivelmente o número de pessoas envolvidas na RB e a Cíntia se viu com muitas atividades para conciliar ao mesmo tempo. Então, em nosso primeiro encontro, ela já relatou inúmeras demandas em processos da RB que precisava de auxílio.

Com essa grande quantidade de pedidos relatados pela Cíntia no primeiro encontro, a equipe inicial do projeto de extensão abriu um processo seletivo para estudantes da graduação, de todos os cursos da UFSC, como voluntários. Para iniciar a divulgação das inscrições abertas, foram realizadas campanhas nas redes sociais e a estruturação de palestras. A primeira foi realizada em março de 2019 intitulada de "Como identificar o propósito do seu coração e materializá-lo em suas ações?". O encontro foi ministrado por Sahwenya Passuello, psicoterapeuta e empreendedora, que abordou como todas as ações se iniciam com uma vontade do coração sem perder a ideia de que todos caminham juntos em um mesmo mundo (figura 12).

Figura 12 - Palestra com Sahwenya Passuello



Fonte: Acervo das autoras.

Depois, ainda com o intuito de divulgar o processo seletivo, foi realizado um momento com a exibição do "Olhar além - Exposição e debate aberto do documentário Em Frente", produzido pelo *Social Good Brasil* (figura 13). O material mostrou aos estudantes, quatro brasileiros relevantes no universo do empreendedorismo social, que através do uso inovador da tecnologia, se destacam mundialmente em questões como economia colaborativa, participação cidadã e novos modelos educacionais.

Figura 13 - Exposição do documentário Em Frente



Fonte: acervo das autoras

Após esses eventos acontecerem no Centro Socioeconômico (CSE) e todas as ações de divulgação, foram recebidas mais de 70 inscrições para voluntários do projeto. Assim, sob a coordenação das professoras, as bolsistas estruturaram um processo seletivo, com etapas de análises e dinâmicas para fazer a seleção dos candidatos.

Após a seleção, foram classificados 10 estudantes e os primeiros encontros aconteceram com dinâmicas para integração dos selecionados, além do estudo e identificação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, princípios de Economia Solidária e Inovação Social. Quem iniciou mediando as primeiras atividades foi a *fellow* do *Social Good Brasil*, Mayte, na sala oficial do projeto, o Laboratório de Inovação e Gestão (LIG). As primeiras atividades buscaram integrar os participantes e prepará-los para o trabalho em equipe ao longo do semestre (figura 14).

Figura 14 - Primeiros encontros da equipe do projeto Pontes de Transformação

Fonte: Acervo das autoras



Posteriormente, diversas idas até a sede da Revolução dos Baldinhos foram realizadas e inúmeras conversas com a líder comunitária e os demais colaboradores aconteceram. Nesse processo, foi possível conhecer todo o ciclo da coleta do composto orgânico até virar adubo, entender a história da RB, os problemas vivenciados e as demandas existentes. Nessas visitas, foi feito um trabalho importante de levantamento de informações para pautar as ações que foram executadas no semestre para apoiar a organização da sociedade civil (figura 15).

Figura 15 - Primeira visita da equipe na sede da Revolução dos Baldinhos



Fonte: Acervo das autoras.

Com esse material relatado, foi possível a execução, pela equipe do projeto de extensão, de diversas ações para o fortalecimento da organização da sociedade civil. Para isso, o grupo de 10 estudantes foi dividido em duas frentes de trabalho: gestão do projeto e análise

socioambiental sendo elaborados esboços de planos de atuação quanto às demandas identificadas.

Assim, ao longo dos encontros, foram feitos MVPs de cada projeto e os protótipos dos planos de ação. Alguns outros encontros se sucederam na Revolução para validar as propostas e entender se o caminho seguido estava correto, além de obter outras informações importantes ao andamento do projeto. Ao final, depois dos processos de validação com a líder comunitária foi feita a entrega dos materiais criados, dentre eles: site institucional, planilha de precificação e ficha técnica dos produtos, artes de divulgação para redes sociais, propostas de assessoria no método da compostagem e estudo do mercado para identificar pontos de vendas dos produtos. Esse momento está representado pela figura 16.

Figura 16 - Encontro final na sede da Revolução dos Baldinhos



Fonte: Acervo das autoras.

Com essas entregas, o primeiro ciclo foi encerrado. Com o início do segundo semestre letivo de 2019, foram realizadas algumas reestruturações no projeto de extensão, ou seja, foi identificada a necessidade de fazer um trabalho mais enxuto com ações que possibilitassem o estreitamento dos laços de confiança e aproximação com a comunidade. Esse objetivo mudou em função do panorama encontrado ao retornar à organização da sociedade civil. Enquanto na primeira metade do ano, a líder comunitária possuía o auxílio de três agentes comunitários para o funcionamento da RB, na outra metade restou apenas um.

Em novas conversas com a Cíntia, foi indagado o porquê da saída de tantos colaboradores do projeto. A líder discorreu sobre um problema até então não aprofundado com o projeto de extensão: o baixo engajamento dos moradores da Chico Mendes que não possuem

o sentimento de “dono” da Revolução e alta rotatividade dos agentes devido à incerteza da remuneração ao final do mês.

Diante desta necessidade, o projeto de extensão trabalhou com uma equipe menor, com apenas uma voluntária e três bolsistas, e focou no fortalecimento do vínculo da ação comunitária com a comunidade (figura 17). Uma das bolsistas trabalhava semanalmente na própria Revolução atuando de forma mais próxima e observando a falta de engajamento com os moradores como uma retórica constante.

Figura 17 - Bolsistas e voluntárias do BrGOV em reunião - 2019/2



Fonte: Acervo das autoras.

Essa questão é bastante relevante, pois a Revolução dos Baldinhos é uma organização que pertence à comunidade e que é responsável por trazer benefícios a ela, mas essa percepção parece ser frágil junto à população local.

Naquele momento, foi proposto à líder comunitária a realização de eventos para aproximar a RB da sua comunidade, como por exemplo, com a realização de oficinas profissionalizantes. Como a equipe da Revolução estava reduzida, com apenas dois integrantes, o grupo do projeto de extensão ficou responsável por estruturar e organizar a vinda de cursos ao local, como o de criação de currículo para jovens aprendizes, pacote office, panificação, entre outros.

Foram várias as tentativas de chamar os moradores a participarem das atividades, através do "boca a boca", *whatsapp*, cartazes, folhetos e redes sociais. No entanto, as pessoas não demonstraram interesse. Logo, percebeu-se que o baixo engajamento era uma questão sensível

e sinalizava como a população da Chico Mendes estava afastada da RB. Mas, o projeto de extensão precisava atuar de alguma forma no local, uma vez que o compromisso de os ajudar havia sido assumido, então optou-se por aplicar oficinas profissionalizantes aos adolescentes da escola EEB América Dutra Machado. A escolha da mesma se deu em razão da importância de auxiliar os jovens em sua entrada no mercado de trabalho, por ela ser o espaço concedido para a compostagem dos resíduos orgânicos e sua localização na Chico Mendes, além da proximidade da Cíntia com a diretora do local. Assim, nesses cursos oferecidos, os estudantes aprenderam conceitos básicos e intermediários de como utilizar o *Microsoft Word* e como criar um currículo relevante para atuar como jovem aprendiz nas empresas da cidade representados pela figura 18.

Figura 18 - Oficina profissionalizante de criação de currículo aos estudantes do 8º e 9º ano



Fonte: Acervo das autoras.

Também foi desenvolvida, na mesma escola, com os alunos do 4º ano, a oficina de criação de bonecas *abayomis* com retalhos de tecidos. Asicineiras abordaram a origem histórica da criação desses brinquedos que remete aos tempos de escravidão onde as mães confeccionavam as bonecas com pedaços de tecido das suas saias para trazer mais calma e alegria aos seus filhos nos navios negreiros (figura 19).

Figura 19 - Oficina de bonecas Abayomis com as crianças do 4º ano



Fonte: Acervo das autoras.

Ao longo do planejamento e realização dessas atividades, foram efetuadas muitas conversas com a Cíntia sobre a situação da falta de engajamento encontrada no local. Foi possível identificar que o problema era estrutural e fruto das relações construídas no decorrer de vários anos com os moradores. A líder comunitária fez o relato de diversos problemas históricos que haviam acontecido no decorrer dos anos: rupturas, perda de bolsas de trabalho, falta do sentimento de pertencimento, alta rotatividade de colaboradores, entre muitos outros.

De acordo com todas essas questões, a atual presidente da associação chegou à conclusão que seria valioso à Revolução dos Baldinhos se as discentes do projeto de extensão pudessem reunir parte dos ex-membros da ação social, desde 2008 até atualmente, e organizar uma roda de conversa com essas pessoas para reconstruir e refletir sobre os acontecimentos históricos da organização. Neste sentido, estruturou-se o presente trabalho na qualidade de uma pesquisa aplicada.

1.3 Problema de Pesquisa

Dessa forma, o estudo pretende contribuir na reflexão sobre o seguinte problema de pesquisa: Quando olham para a história da Revolução dos Baldinhos, qual a percepção dos membros da comunidade sobre a organização?

1.4 Objetivos

Para obter respostas relacionadas à problemática da pesquisa foram estruturados os objetivos a seguir.

1.4.1 Objetivo Geral

Realizar uma atividade coletiva na qual os membros da comunidade possam refletir sobre a história da organização Revolução dos Baldinhos.

1.4.2 Objetivos Específicos

1. Contextualizar a Revolução dos Baldinhos;
2. Identificar membros expressivos ao longo da história da Revolução dos Baldinhos;
3. Organizar e conduzir uma Roda de Conversa com os membros identificados na etapa anterior;
4. Capturar a Roda de Conversa em recurso audiovisual;
5. Eternizar a discussão, através da produção de um documento audiovisual editado à luz da Economia Solidária.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Economia Solidária

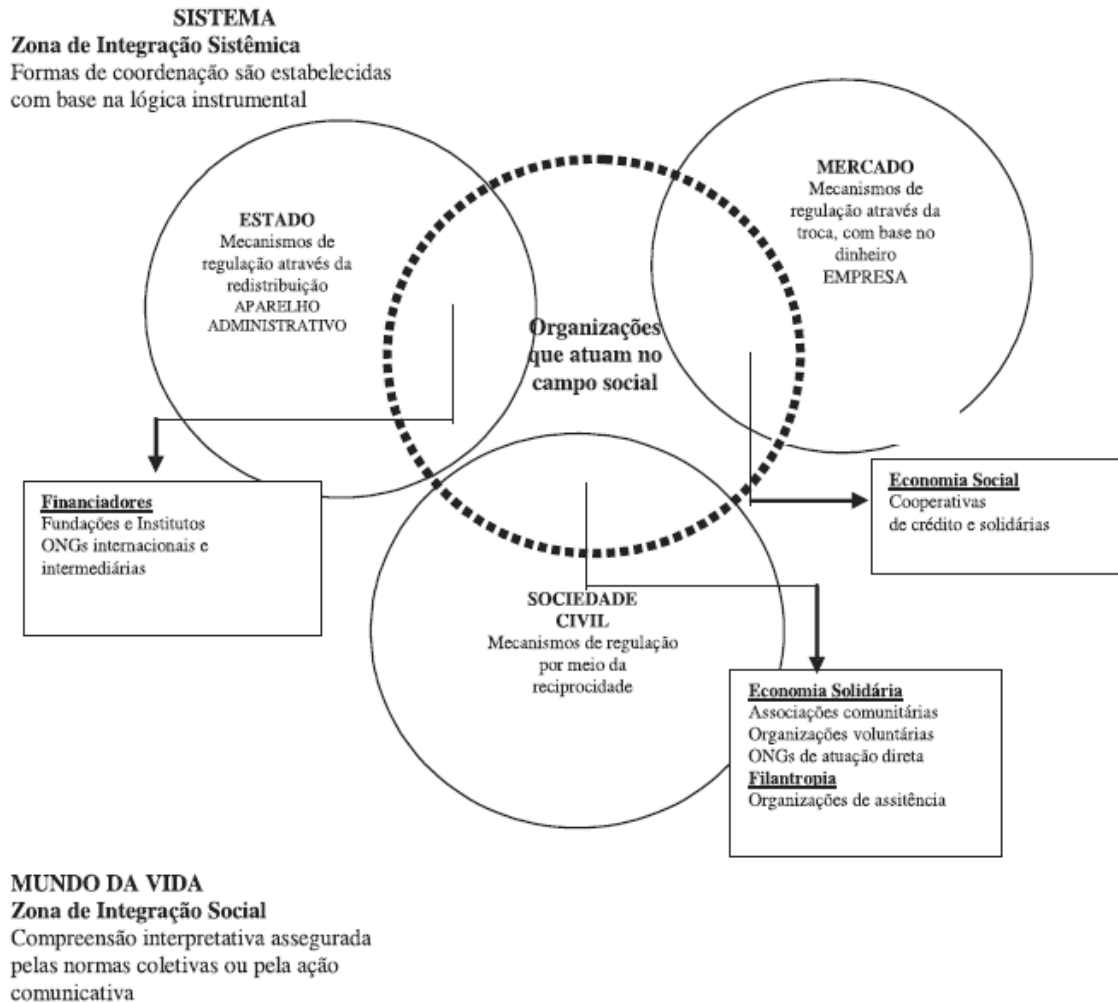
Os equívocos terminológicos referentes às definições Terceiro Setor, Economia Solidária e Economia Social acontecem tanto nas discussões acadêmicas quanto, e principalmente, fora desse ambiente, segundo França Filho (2001, 2002). O autor afirma que as diferenças entre os significados estão relacionadas aos contextos sociopolíticos de surgimento das terminologias e à interpretação dos papéis desempenhados pelas iniciativas.

Desenvolvendo essas diferenças, primeiramente, faz-se a conceituação de terceiro setor. França Filho (2001, 2002) o caracteriza como proveniente de uma tradição anglo-saxônica baseada na ideia de filantropia e atribuída às organizações sem fins lucrativos. Logo, a interpretação do terceiro setor o mostra como uma esfera suplementar, um setor à parte. Contrastando a definição de terceiro setor com economia solidária (ES), a última ultrapassa a definição de “compartimento suplementar da economia” e caracteriza-se como um campo em constante interação com os poderes públicos.

Logo, o Terceiro Setor, a Economia Social e a Economia Solidária estão vinculadas ao mesmo contexto histórico de movimentos associativistas operários do século XIX na Europa. O mesmo representou a resistência popular fazendo surgir práticas solidárias baseadas na ideologia de cooperação, associação e ajuda mútua. No entanto, além das distinções entre terceiro setor e economia solidária, existem também diferenças expressivas entre a economia social e solidária. O primeiro termo caracteriza, até de forma jurídica, os tipos organizacionais de cooperativas, fundações, algumas associações e organizações mutualistas. Sua definição implica em experiências sobre o desenvolvimento de atividades econômicas para executar objetivos sociais. Já a economia solidária, é representada como uma atualização da economia social.

Há variadas instituições que se enquadram na definição de terceiro setor, mesmo com suas especificidades e comportamentos divergentes. A autora Carolina Andion faz um questionamento se tais instituições deveriam ser classificadas em um mesmo conjunto (ANDION, 2005). Com base nos estudos de Karl Polanyi (1975) e Jürgen Habermas (1989), a autora dividiu as organizações que atuam no meio social em três subgrupos:

Figura 20 - As organizações que atuam no campo social e suas interfaces



Fonte: Andion (2005)

No terceiro grupo, a autora posiciona as organizações constituídas por meio de mobilizações da sociedade civil, sem objetivar fins lucrativos, como instituições da economia solidária e filantrópicas. Para compreender o desempenho das organizações que atuam no meio social é indispensável perceber a diferenciação apresentada na imagem acima. É importante destacar que, dentre as instituições do terceiro setor, algumas estão mais conectadas com o mercado e outras com o Estado (ANDION, 2005).

Como objeto de estudo do presente trabalho, a economia solidária é um conceito utilizado globalmente com concepções diversas permeando a ideia de solidariedade. De acordo com Laville e Gaiger (2009), a origem do termo economia solidária provém da década de 1990 quando algumas atividades econômicas foram organizadas seguindo princípios de autonomia, gestão democrática e cooperação possuindo em comum a solidariedade acima do interesse individual e o ganho material com a adoção de critérios igualitários.

Com base em Genauto Carvalho de França Filho, o tema economia solidária tem provocado muito interesse da comunidade acadêmica nos últimos tempos. A ES aponta diversas experiências organizacionais composta numa atividade atual com base nas chamadas 'novas formas de solidariedade'. Estas, por sua vez, dizem respeito às iniciativas dos cidadãos em objeção às formas não concretas praticadas no decorrer da história pelo Estado e, por outro lado, o modelo tradicional de solidariedade fundamentado pelo caráter comunitário. Precisamente, o termo economia solidária ganhou grande relevância no início dos anos 90, na França, por meio dos trabalhos de Jean Louis Laville e Bernard Eme. Através desses autores, que compreenderam e transmitiram a ocorrência de diversos empreendimentos socioeconômicos, chamadas de iniciativas associativistas locais na Europa, que desempenharam a função de responder algumas problemáticas específicas (FRANÇA FILHO, 2001).

Laville e Gaiger (2009) esclarecem que o conceito possui sentidos diversos, mas apresenta em comum a ideia de solidariedade em oposição ao individualismo utilitarista, comportamento preponderante nas sociedades de mercado. Assim, com grande inserção social e comunitária, as ações da economia solidária estão presentes em diversas áreas como a de preservação ambiental, educação e saúde, engajando os cidadãos a entrarem em questões de interesse comum para obter soluções coletivas. As expressões da ES são muitas, dentre elas: cooperativas, clubes de troca, associações, coletivos de geração de renda, cantinas populares.

Laville e Gaiger (2009, p 162) revelam que:

A solidariedade é promovida entre os membros dessas iniciativas, que estabelecem entre si um vínculo social de reciprocidade como fundamento de suas relações de cooperação. Ao mesmo tempo, a solidariedade é estendida aos setores sociais expostos a maiores necessidades, principalmente via mobilização de trabalhadores desempregados e via serviços de atenção prestados a pessoas em desamparo.

Atualmente, no início do século XXI, de acordo com Laville e Gaiger (2009), os movimentos capitalistas têm atingido uma grande velocidade se desprendendo dos compromissos com os interesses do coletivo. Esse fato está resultando num aumento da pobreza em diversas partes do planeta, cabendo à população valorizar todas as formas de experiências auto-organizadas, por menores que sejam, para defender as associações com a criação de soluções coletivas. Ainda segundo os autores, esses problemas sociais, difundidos pela economia de mercado e refletidos pelas disparidades entre riqueza e miséria, foram resultado de uma sociedade moderna orientada à produção de mercadorias fundamentada como pertencente à nova ordem social.

Em virtude desses problemas sociais gerados, ativistas criaram um mecanismo oposto à lógica do interesse por meio do vínculo associativo, pautado no princípio de igualdade, através do poder coletivo dos trabalhadores nas atividades econômicas para a defesa de mudanças. Cabe ressaltar que, nos países periféricos, sempre existiram essas práticas econômicas pautadas na reciprocidade e ganhos coletivos. Diversos trabalhadores, dentre eles imigrantes e indígenas, aderiram a essas práticas de ajuda mútua visando o bem comum em prevalência à desordem trazida pela economia de mercado.

No contexto brasileiro, Lechat (2002) trata de quatro principais eventos que contribuíram para que a economia solidária fosse contextualizada como teoria no Brasil. O primeiro foi no 7º Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Sociologia. O segundo foi o III Encontro Nacional da Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão e Participação Acionária (Anteag), o terceiro a Conferência sobre Globalização e Cidadania organizado pela ONU e o quarto foi o seminário de Economia dos Setores Populares: entre a realidade e a utopia.

Como consequência da organização das atividades econômicas, seguindo os princípios da autonomia, gestão democrática e cooperação, surgiu o termo economia solidária. Segundo Laville e Gaiger (2009) a economia solidária parte da solidariedade acima do interesse individual e o ganho material com a adoção de critérios igualitários. Há definições diversas para a ES, segundo os autores citados, os variados significados possuem em comum a ideia de solidariedade em oposição ao individualismo utilitarista, comportamento predominantemente nas sociedades de mercado.

Nesse período, de início da sociedade moderna, existiam antecedentes da economia solidária segundo Laville e Gaiger (2009) representados pelas lutas de resistência contra a Revolução Industrial, as cooperativas de consumo, produção e crédito, as comunas, entre outros. O primeiro, cooperativismo operário, teve como seu precursor Robert Owen que colocou suas proposições sociais e econômicas na indústria têxtil em New Lanark, na colônia cooperativa de New Harmony e na criação do Labour Exchange. O segundo antecedente citado pelos autores são as cooperativas de consumo tendo como exemplo a Sociedade dos Pioneiros Equitativos de Rochdale de 1844. Por fim, deve ser lembradas também as comunas, povoados que praticam a solidariedade e o igualitarismo em várias áreas da vida social, até mesmo na produção e consumo (LAVILLE; GAIGER, 2009).

No que se refere ao seu modo de produção, a economia solidária aponta algumas vantagens em comparação com o capitalismo: a autogestão faz com que cada trabalhador seja consciente em relação ao seu papel de atuação. O conhecimento coletivo dos trabalhadores está diretamente relacionado ao desenvolvimento do empreendimento econômico solidário, em razão de que todos os ganhos relacionados à produtividade são apropriados pelos próprios colaboradores. Há também o vínculo com a atividade econômica na qual está inserida, ocasionando o respeito às especificidades e culturas regionais e ao meio ambiente (II CONAES, 2010)¹.

Segundo Paul Singer (2001), não há surpresa em saber que as organizações sociais e econômicas criadas e preservadas pelos pobres (desprovidos de propriedade) possuem a gestão voltada principalmente para a solidariedade do que para a competição. A economia solidária alcança diferenciados modelos de organizações, associações voluntárias que possuem a finalidade de promover a seus associados vantagens econômicas. Estas instituições se manifestam por consequência das carências que o sistema se recusa a solucionar. A pobreza é um dos desprovidos mais importantes, ela ocorre pela falta de oportunidade na participação do processo de produção social. O autor expõe o seguinte ponto de vista:

"Os pobres são pobres porque foram colocados à margem das empresas que produzem a parte principal da riqueza social. Sobrevivem de transferências públicas (aposentadorias, pensões, cestas básicas ou *green stamps*, merenda escolar etc.), de transferências privadas (obras caritativas) ou do exercício de trabalhos que não exigem quase capital ou qualificação profissional: serviços domésticos remunerados, biscates, venda de bens ou serviços na rua, sendo os serviços muitas vezes uma mistura de extorsão com mendicância, como a guarda de carros na rua etc" (SINGER, 2001, p. 105).

Assim, vê-se a economia solidária como um fenômeno oposto a economia de mercado, que por sua vez, estimula o individualismo em relação ao coletivo, se caracterizando como uma alternativa, principalmente àqueles que estão marginalizados no mercado de trabalho.

¹ II CONFERÊNCIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA - CONAES "Pelo Direito de Produzir e Viver em Cooperação de Maneira Sustentável" (Documento Base para Etapas Preparatórias). Disponível em: https://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/conferencias/Economia_Solidaria_II/texto_base_2_conferencia_economia_solidaria.pdf

De acordo com Gaiger (1999), a economia solidária é guiada por algumas características que definem a prática dessa forma de organização do processo de trabalho e relações econômicas:

Quadro 1 - Características do processo de trabalho e relações econômicas na Economia Solidária

Autogestão	Gestão coletiva dos associados e autonomia.
Autossustentação	Viabilidade econômica dos seus processos sem comprometer o ambiente natural e social.
Cooperação	O processo produtivo conta com a responsabilidade compartilhada por todos os associados, relações de reciprocidade, confiança e isonomia entre as funções de direção e execução.
Democracia	Através de instâncias diretivas formadas livremente, as decisões são tomadas em conjunto, garantindo a transparência do exercício da direção.
Desenvolvimento Humano	Refere-se a estruturação de capacitações técnicas para formação de consciência e geração de educação.
Igualitarismo	Divisão igualitária do capital, excedentes e benefícios, e inexistência de outros regimes de trabalho permanentes.
Participação	Frequência regular nas atividades como reuniões e assembleias.
Responsabilidade Social	Ações de ética solidária com o objetivo de trazer melhorias à comunidade, através de relações de comércio e troca.

A III Plenária Brasileira de Economia Solidária², ocorrida em 2003, teve a participação de 900 pessoas de todas as regiões do Brasil. Com objetivo de articular e mobilizar as bases da ES, o encontro obteve diversos resultados. Conforme a ata referente ao segundo dia de evento, por meio do relatório do segmento dos gestores, foram divulgados os seguintes princípios de economia solidária:

Quadro 2 - Princípios de Economia Solidária segundo a III Plenária Brasileira de ES

Caráter emancipatório.
Formação permanente como um dos instrumentos para o fortalecimento de valores como cooperação e solidariedade.
Construção de novas referências teóricas a partir da prática da economia solidária para avançar no seu desenvolvimento.
Resgate da dignidade e da cidadania através da prática da economia solidária.
Autossustentabilidade para além do aspecto econômico e dos empreendimentos, valorizando a questão ambiental comum dos seus elementos centrais.
Desenvolvimento econômico, tendo como centralidade o homem e a mulher.
Centralidade no trabalho auto gestor.
Garantir a participação da diversidade, sem discriminação de crença, sexo, cor ou opção sexual; posse coletiva dos meios de produção.
Valorização social do trabalho humano.
Valorização do saber local, da cultura e da tecnologia popular.
Fomento da economia solidária a partir dos empreendimentos solidários.
Consumo solidário e divulgação dos produtos da economia solidária.
Economia solidária como alternativa ao capitalismo.
Responsabilidade social.

² Ata da III Plenária Nacional da Economia Solidária. Disponível em: <https://silo.tips/download/iii-plenaria-nacional-da-economia-solidaria-ata>

Economia solidária como instrumento de inclusão e de transformação social.
Desenvolvimento de cadeias produtivas locais e regionais fomentando a cooperação.
Favorecer o protagonismo e a autonomia dos empreendimentos.
Valorizar a cooperação e a solidariedade nas suas mais diversas formas de manifestação.

Fonte: Ata III Plenária Nacional da Economia Solidária.

A Cooperativa Central Base de Apoio ao Sistema ECOSOL³ (grupo de pesquisa em economia solidária), retrata as características de economia solidária descritas no quadro 3.

Quadro 3 - Características da Economia Solidária conforme a ECOSOL

Cooperação	Por intermédio das vivências de objetivos e interesses relacionados, união da dedicação e capacidade dos envolvidos, a divisão dos resultados e a responsabilidade solidária.
Autogestão	São desenvolvidos hábitos auto gestionários nos processos de trabalho. Os agentes externos de apoio não devem influenciar ou impedir o protagonismo dos verdadeiros sujeitos da ação.
Dimensão Econômica	É um dos fatores motivacionais para agrupar esforços e recursos para produção, beneficiamento, crédito, comercialização e consumo.
Solidariedade	A solidariedade nos empreendimentos solidários é apresentada em diferentes aspectos: na justa distribuição dos resultados alcançados; nas oportunidades que levam ao desenvolvimento de capacidades e da melhoria das condições de vida dos participantes; no compromisso com um meio ambiente saudável; nas relações que se estabelecem com a comunidade local; na participação ativa nos processos de desenvolvimento sustentável

³ Disponível em: <https://www.ecosolbasebrasil.com.br/index.php/economia-solidaria/videos/caracteristicas/>

	de base territorial, regional e nacional; nas relações com os outros movimentos sociais e populares de carácter emancipatório; na preocupação com o bem estar dos trabalhadores e consumidores; e no respeito aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras.
--	---

Fonte: Cooperativa Central Base de Apoio ao Sistema ECOSOL (grupo de pesquisa em economia solidária)
adaptado pelas autoras.

Por outro lado, a Cartilha da Campanha Nacional de Mobilização Social⁴ desenvolvida pelo Ministério da Educação, descreve os dez princípios da economia solidária. Alguns são muito semelhantes às características expostas por Gaiger et. al. (1999) acima, outras são diferentes em seus conceitos e explicações.

Quadro 4 - Princípios de economia solidária desenvolvido pelo Ministério da Educação para a Cartilha da Campanha Nacional de Mobilização Social

Autogestão	Os trabalhadores não devem obediência a um patrão, tomando as decisões de forma coletiva e participativa.
Democracia	A economia solidária atua como uma potência de transformação estrutural das relações econômicas de forma democrática, pois o trabalho não fica subordinado ao capital.
Cooperação	Oposto à competição, apoia o trabalhador a se unir com outro trabalhador, empresa a empresa, país a país.
Centralidade do ser humano	O foco passa do lucro às pessoas, pois a grande finalidade do trabalho é garantir a satisfação das necessidades de todos.
Valorização da diversidade	Lugar em que a mulher recebe reconhecimento, em que há valorização da diversidade, sem que haja discriminação de cor, crença ou opção sexual.
Emancipação	Estratégias que promovem emancipação e libertação.

⁴ Economia Solidária, outra economia acontece: Cartilha da Campanha Nacional de Mobilização Social- Brasília: MTE, SENAES, FBES,2007. (Texto adaptado). Disponível em: http://www.socioeco.org/bdf_fiche-outil-149_pt.html

Valorização do saber local	Respeito às sabedorias locais que compõem a cultura e tecnologia popular.
Valorização da aprendizagem	Formação contínua e permanente dos aprendizados.
Justiça social na produção	Para promover o bem-estar na coletividade, há a promoção da justiça social na produção, comercialização, consumo para eliminar as desigualdades e desenvolver valores da solidariedade humana.
Cuidado com o meio ambiente	A relação harmoniosa com a natureza dos empreendimentos solidários é combinada com a busca de eficiência econômica e social.

Fonte: Cartilha da Campanha Nacional de Mobilização Social adaptado pelas autoras.

2.1.1 A Economia Solidária no Brasil

Segundo França Filho (2007), o tema Economia Solidária vem aumentando sua visibilidade no Brasil nos últimos anos por intermédio de trabalhos científicos, através de abordagens que podem ser mais economicistas ou antropológicas, dinâmicas da sociedade civil, dos movimentos populares e das experiências em políticas públicas, modalidade mais recente de abordagem do assunto, empreendidas em todo país.

De acordo com França Filho (2007), a economia solidária no Brasil é um conjunto de práticas em construção e evolução, de formas de auto-organização socioeconômica para formas de auto-organização sócio-política. Representando assim, um movimento singular em função dos atores que o constituem. Logo, serão estudadas quatro categorias de atores/instâncias organizacionais em que consiste o campo de estudo no Brasil segundo França Filho (2007): os Empreendimentos Econômicos Solidários (EES), Entidades de Apoio e Fomento (EAF), Formas de Auto-Organização Política e a Nova Institucionalidade Pública de Estado.

A primeira, também chamada de organizações de primeiro nível ou empreendimentos econômicos solidários, são formas de auto-organização socioeconômica. Nessa categorização estão incluídas as cooperativas de crédito, bancos comunitários e populares, clubes de troca, entre outros. Esses diferentes exemplos mostram-se heterogêneos entre si dentro do campo da economia solidária. Tal heterogeneidade é relacionado a alguns níveis de análise que no âmbito de atuação permite distinguir subcampos como o de comércio justo, cooperativismo popular, finanças solidárias. O segundo nível de análise faz referência ao grau de institucionalidade das

iniciativas. Já o terceiro nível compreende os propósitos dos empreendimentos distinguindo uma entidade de apoio e fomento (EAF) de um empreendimento econômico solidário (EES).

A segunda categoria de atores organizacionais do campo de estudo do Brasil são as Entidades de Apoio e Fomento, composta por uma base profissional qualificada, constituídas pela parte da sociedade civil mais organizada atuando na assessoria dos empreendimentos econômicos solidários. Elas são representadas por organizações não-governamentais, estruturas de construção de redes, projetos criados em universidades. Assim, as EAF são vistas como corresponsáveis na gestão dos empreendimentos solidários.

Já a terceira categoria, as formas de auto-organização política, são representadas por redes e fóruns. Tal campo da economia solidária no Brasil possui práticas que formam um movimento em busca de reconhecimento institucional através da reivindicação de direitos e interrogação das políticas públicas. As redes são a forma de auto-organização mais antiga, representando um associacionismo mais amplo, composta por inúmeras experiências de organizações de fomento e apoio com valores comuns. Já os fóruns são espaços de encontro de atores para discussão de problemas comuns. No entanto, diferenciando das redes, nos fóruns há uma composição mais ampla englobando representantes de instituições públicas. O grande objetivo dos fóruns é tornar legítima a economia solidária, por isso a união com os poderes públicos se justifica.

Por fim, a última categoria é representada pela Nova Institucionalidade Pública de Estado, com ampla correlação aos fóruns. Esta última tem como exemplo a rede de gestores de políticas públicas de economia solidária, entre outros departamentos do Estado como secretarias ou diretorias que têm por objetivo a implementação de práticas de ES em municípios e estados.

Logo, percebe-se que, a economia solidária no Brasil evoluiu expressivamente tanto na união com os governos quanto na criação e desenvolvimento de novas iniciativas solidárias. Ao longo dos anos, a ES no país foi se desenvolvendo, ao ponto de chegar no patamar de quase 22 mil empreendimentos, segundo o Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária (SIES) em um mapeamento realizado entre 2010 - 2013. Este consiste em um banco de dados composto de informações de EES e de Entidades de Apoio, Assessoria e Fomento (EAF). Esse trabalho realizado representa a primeira grande amostragem, em âmbito nacional, dos empreendimentos econômicos solidários, identificando assim, a sua dimensão no Brasil. O questionário foi composto por questões abertas e de múltipla escolha totalizando 72 itens que tinham como objetivo captar informações e mostrar os valores subjetivos considerados

importantes na realidade dessas organizações. Para iniciar o estudo, foi realizado um mapeamento, que por si só, já foi relevante para aumentar a visibilidade desses projetos verificando a sua importância para as políticas públicas de inclusão por meio do trabalho e renda.

Assim, pode-se afirmar que o resultado desse mapeamento, oferece uma base de dados quantitativa riquíssima que permite analisar o perfil dos empreendimentos e suas potencialidades. Uma das grandes dificuldades da pesquisa foi determinar o que é ou não um empreendimento solidário. Já entre os principais objetivos do SIES⁵ estão representados por: identificar e caracterizar a economia solidária no Brasil; fortalecer a organização e integrar as redes de produção, comercialização e consumo; promover o comércio justo e o consumo ético; subsidiar a formulação de políticas públicas; facilitar a realização de estudos e pesquisas; dar visibilidade à economia solidária para obter reconhecimento e apoio público.

O termo empreendimento econômico solidário foi empregado no Brasil nos anos de 1990 (GAIGER, et al., 2018). Após alguns anos, as principais peculiaridades dos mesmos foram definidas na 3ª Conferência Nacional⁶, realizada em novembro de 2014, por meio de deliberações anteriores. Com base na Secretaria Nacional de Economia Solidária e no Conselho Nacional de Economia Solidária, os empreendimentos econômicos solidários possuem as seguintes características (III CONAES, 2014, p. 21):

I. Ser uma organização coletiva, singular ou complexa, cujos participantes ou sócios(as) são trabalhadores(as) do meio urbano ou rural;

II. Realizar atividades de natureza econômica, socioambiental e cultural que devem ser as razões primordiais da existência da organização;

III. Ser uma organização de autogestão cujos participantes ou sócios exerçam coletivamente a gestão das atividades econômicas e a decisão sobre a partilha dos seus resultados, através da administração transparente e democrática, soberania da assembleia e singularidade de voto dos sócios, cumprindo o seu estatuto ou regimento interno;

⁵ Os dados sobre os principais objetivos do SIES (Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária) podem ser acessados em: <http://sies.ecosol.org.br/sies>

⁶ III CONAES (Conferência Nacional de Economia Solidária). Texto de referência. Contextualização e Balanço Nacional. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/luizdenis/texto-de-referenciagrifica>

IV. Ser uma organização permanente, considerando tanto os empreendimentos que estão em funcionamento quanto aqueles que estão em processo de implantação, desde que o grupo esteja constituído e as atividades econômicas definidas.

Para compreender e definir melhor os EES, Gaiger et. al. (2018) caracterizou esses empreendimentos mediante três atributos gerais, sendo que em cada um deles estão incluídos cinco critérios de qualificação, conforme retratado na figura 21.

Figura 21 - Caracterização de empreendimento solidário

EES	
Organizações suprafamiliares, criadas e mantidas pela associação voluntária de trabalhadores, consumidores e usuários para atenderem necessidade e aspirações econômicas, sociais e culturais comuns, apresentando as seguintes características:	
1. Atividade econômica	
1.1. Atividade econômica contínua.	
1.2. Viabilidade econômica.	
1.3. Capital de propriedade comum dos sócios.	
1.4. Envolvimento dos sócios na gestão.	
1.5. Trabalho coletivo preponderantemente exercido pelos sócios.	
2. Compromisso social	
2.1. Distribuição equitativa dos ganhos e benefícios entre os membros.	
2.2. Relações equânimes e colaborativas com terceiros.	
2.3. Militância em causas sociais.	
2.4. Ações de fortalecimento e transformação institucional.	
2.5. Engajamento em movimentos de transformação social.	
3. Gestão democrática	
3.1. Processos participativos de direção e administração.	
3.2. Idêntico poder de decisão entre os sócios.	
3.3. Indiscriminação e igualdade social entre os membros ¹² .	
3.4. Autonomia institucional.	
3.5. Envolvimento cotidiano dos membros nas decisões.	

Fonte: Gaiger et. al. (2018)

Atividade econômica: corresponde essencialmente a produção de bens, comercialização e a prestação de serviço pelos sócios. A atividade econômica é considerada fundamental para o

EES, conforme consta em seu item conexo (1.1), ela deve ser contínua. O EES deve possuir viabilidade financeira (1.2), ou seja, seus fins econômicos devem provir do próprio empreendimento solidário, sem depender de subsídios externos. O capital equivalente ao EES deve pertencer aos sócios (1.3). Todas as decisões tomadas pelo empreendimento, seja no planejamento ou na execução, devem envolver todos os sócios (1.4). Os trabalhos devem ser coletivos e, em sua maioria, realizados pelos sócios (1.5).

Compromisso social: o EES carece no desenvolvimento de atividades com propósito, não deve se limitar à geração de benefícios somente para seus integrantes e deve assumir um compromisso com os interesses da coletividade. É necessário haver equidade na remuneração dos sócios (2.1), visto que as responsabilidades são atribuídas a todos assumindo horizontalidade na configuração de sua gestão. Os excedentes também devem ser utilizados para a melhoria de seu bem-estar e da comunidade impactada pela EES. O compromisso social dos empreendimentos econômicos solidários é expandido pelas conexões com outras organizações, as relações devem ser observadas por meio de princípios de equidade, colaboração e justiça (2.2). O EES deve ser ativo às principais lutas da sua comunidade de atuação, como o combate à pobreza, às desigualdades de gênero, a defesa de povos, comunidades tradicionais e o desenvolvimento local (2.3). As ações institucionais são relativas à luta pelo reconhecimento público dos carecimentos dos EES e por mais leis e outros recursos que os contemplem (2.4). Os empreendimentos econômicos solidários possuem o compromisso de se envolver com movimentos de transformação social (2.5).

Gestão democrática: incentiva a participação e, por consequência, facilita que todas as deliberações sejam tomadas em totalidade pelos sócios. São diversos instrumentos que asseguram o processo participativo de direção e administração pelos sócios (3.1), os quadros diretivos devem passar por mudanças periódicas e as reuniões devem ser frequentes. O idêntico poder de decisão entre os sócios (3.2) resulta na independência de sua atividade pelo rendimento econômico. O EES precisa estar desvinculado da desigualdade social e discriminação entre os membros, todos devem ser tratados com igualdade sem nenhum tipo de preconceito (3.3). Os empreendimentos econômicos solidários devem apropriar-se da autonomia institucional, mantendo qualquer vínculo com organizações e agentes externos sob o seu domínio (3.4). Os membros precisam estar envolvidos nas decisões tomadas diariamente pelo empreendimento para seja desenvolvido a autogestão (3.5).

2.1.2 Economia solidária e gestão social

O crescimento da economia solidária foi uma consequência dos novos modelos de gestão, como a gestão social, também mencionada na economia, tem sido essencial nas diferentes formas de administração. A gestão social proporciona uma forma oposta a gestão piramidal ou empresarial, que se sistematiza de cima para baixo. A principal característica da primeira é a horizontalidade na tomada de decisão e a definição dos processos. O estado, o mercado e a sociedade são os atores sociais envolvidos, e para obterem seus interesses precisam discutir e convergir nas propostas. “Portanto, no contexto da gestão social (...), os atores, ao fazerem suas propostas, não podem impor suas reivindicações de validade sem um acordo alcançado comunicativamente em que todos os participantes apresentem seus argumentos” (TENÓRIO, 2004). Tenório define a gestão social como um hábito que:

(...) Opõe-se à gestão estratégica na medida em que tenta substituir a gestão tecno burocrático, monológico, por uma gestão participativa, dialógica, na qual o processo de tomada de decisão é exercido por meio de diferentes sujeitos sociais. (...) No processo de gestão social, (...) a verdade só existe se todos os participantes da ação social [no espaço público] admitir sua validade, ou seja, verdade é promessa de consenso racional ou, verdade não é uma relação entre o indivíduo e sua percepção do mundo, mas se um acordo alcançado por meio de discussão crítica, apreciação intersubjetiva [entre os diferentes atores presentes no processo]. (TENÓRIO, 2004).

França Filho (2003) faz uma reflexão sobre o conceito de gestão social. Segundo o autor, em sua interpretação deve constar dois fatores: a dimensão do processo (o funcionamento da gestão) e a finalidade (propósito da gestão).

Efetivamente, enquanto problemática de sociedade, a ideia de gestão social diz respeito a gestão das demandas e necessidades do social. O social aqui aparece como uma categoria inventada no seio da modernidade, quando a sociedade estratifica as diversas esferas de ação dos sujeitos em razão da autonomização adquirida pela esfera econômica (com a preeminência do princípio mercantil) em relação as demais esferas da vida (cultural, política, social, ecológica...). O econômico (ou a esfera econômica) desempenha efetivamente um papel determinante, pois ele passa a constituir o locus principal de constituição das identidades individuais e coletivas - que passam pelo trabalho. A sociedade moderna é antes de tudo uma sociedade do trabalho. Nessa representação, o social viria identificar um dos espaços do não trabalho (FRANÇA FILHO, 2003).

A gestão privada (gestão estratégica), gestão pública e gestão social são diferenciadas por França Filho (2003, 2008). Segundo o autor, a gestão social é compreendida por meio de dois pontos de vista, por intermédio do processo, o funcionamento da gestão, e o fim, propósito da gestão. Neste sentido, a gestão social é entendida em duas perspectivas, como processo e

finalidade. Por instrumento da sociedade, a gestão social se conecta com a gestão pública por um objetivo em comum: buscar compreender as necessidades e demandas da sociedade. A gestão das demandas da sociedade pode ocorrer mais adiante ao Estado. A gestão social entendida como processo, visa: “subordinar as lógicas instrumentais [típicas da gestão privada/estratégica] a outras lógicas, mais sociais, políticas, culturais ou ecológicas” (FRANÇA FILHO, 2008, p. 30). Podemos então compreender que a gestão social:

Corresponde então ao modo de gestão próprio às organizações atuando num circuito que não é originariamente aquele do mercado e do Estado, muito embora estas organizações entretendam, em grande parte dos casos, relações com instituições privadas e públicas, através de variadas formas de parcerias para consecução de projetos. Este é o espaço próprio da chamada sociedade civil, portanto uma esfera pública de ação que não é estatal (FRANÇA FILHO, 2008, p. 32).

Um grande componente da pesquisa social empírica, especialmente no âmbito da gestão organizacional, encontra-se conectada ao pragmatismo, ao êxito do mercado, isto é, as técnicas e os métodos são estruturados conforme o determinismo do mercado. O autor critica o determinismo afirmando que “impede que os pesquisadores tradicionais tenham uma visão clara do mundo que os cerca, já que este tipo de pesquisador mimetiza suas análises sob a ótica exclusiva da razão instrumental” (HORKHEIMER, 1990 apud TENÓRIO, 1998).

Conforme Tenório (1998), gestão estratégica é um modelo de ação social utilitarista, concretizada através da interação de dois ou mais indivíduos, sendo que um deles é superior ao(s) outro(s). É a conjunção entre competências técnicas e características hierárquicas que se apresentam tanto no setor público quanto no setor privado. Por outro lado, a gestão social preenche a gestão estratégica por uma gestão em que seu processo decisório é praticado no coletivo (TENÓRIO, 1998).

No processo de gestão social, acorde com o agir comunicativo, dialógico, a verdade só existe se todos os participantes da ação social admitirem sua validade, isto é, verdade é a promessa de consenso racional, ou a verdade não é uma relação entre o indivíduo e a sua percepção do mundo, mas sim um acordo alcançado por meio da discussão crítica, da apreciação intersubjetiva. Enquanto no processo de *gestão estratégica*, harmônico com o agir estratégico, monológico, uma pessoa atua sobre outra(s) para influenciar a continuação intencional de uma interação (neste tipo de ação a linguagem é utilizada apenas como meio para transmitir informações), sob uma ação comunicativa, dialógica, um indivíduo procura motivar racionalmente outro(s) para que este concorde com sua proposição (neste tipo de ação a linguagem atua como uma fonte de integração social) (TENÓRIO, 1998).

Com base no termo de gestão social discutido, sugere-se que a gestão das demandas e necessidades do social podem decorrer da própria sociedade, através dos seus respectivos instrumentos de auto-organização. As organizações que atuam na esfera social não almejam fins econômicos (FRANÇA FILHO, 2003) e possuem um modo de gestão adverso à gestão

tradicional de mercado e de Estado. Porém, essas diferentes esferas mantêm relação através do firmamento de parcerias.

Cançado et al. (2011) apresentam a crítica feita por Pinho (2010) sobre o uso do termo gestão social. Segundo Pinho (2010), o mais adequado seria o uso do termo “gestão emancipadora”. O autor esclarece que “o termo social é muito convencional, indefinido e carregado de ambiguidades e pode ser aproveitado oportunisticamente” (PINHO, 2010, p. 25). Ainda segundo Cançado et al. (2011), Pinho (2010) expõe que o termo mais adequado seria “gestão solidária” visto que “o social é um termo muito fraco, indefinido, abrangente, ambíguo e anódino para conter a força e pretensão da proposta formulada por Tenório” (PINHO, 2010, p. 30).

Após apresentar o ponto de vista de Pinho (2010), o mesmo autor expõe a definição de social, segundo o dicionário Michaelis, social significa:

Social. adjm+f (latsociale) 1 Pertencente ou relativo à sociedade. 2 Que diz respeito a uma sociedade. 3 Sociável. 4 Próprio dos sócios de uma sociedade. 5 Conveniente à sociedade ou próprio dela. 6 Relativo, pertencente, devotado ou apropriado ao intercurso ou às relações amigáveis ou por elas caracterizado: Função social. 7 Relativo ou pertencente à sociedade humana considerada como entidade dividida em classes graduadas, segundo a posição na escala convencional: Posição social, condição social, classe social. 8 Relativo à vida do homem em sociedade: Ciências sociais. 9 Social Relativo ou pertencente às Gestão social: reflexões teóricas e conceituais certos animais e plantas que vivem em grupos mais ou menos numerosos. (MICHAELIS, 2011 apud CANÇADO et al., 2011).

Sendo assim, esses pesquisadores consideram que o termo gestão social corresponde ao significado de social no dicionário em que, segundo eles, é uma gestão realizada no coletivo e para o coletivo. Os autores concluem que é a banalização que causa a própria confusão do termo e o seu emprego por quem desconhece a gestão social.

Conforme Tenório (1998), a cidadania deliberativa tem ligação com a definição de gestão social dado que é compreendida como uma ação política deliberativa, em que cada pessoa deve envolver-se nas atividades democráticas. Dessa maneira, sua emancipação não se correlaciona com a logicidade do mercado, mas por meio democrático. O autor relata que o indivíduo, estando a parte de sua função como participante da transformação social, deve atuar não somente como eleitor, como também tem o dever de atuar na transformação da sua comunidade.

Após a compreensão da conexão entre economia deliberativa e gestão social, é importante ressaltar às características da gestão social com base em Cançado et al. (2011):

1. Tomada de decisão coletiva: referenciada pelo autor como uma das bases de gestão social.
2. Dialogicidade: todos devem ter autonomia para expressar o que pensam, pois a tomada de decisão é executada com base na argumentação.
3. Transparência: para que haja clareza na tomada de decisão, é necessário que não ocorram informações mantidas em sigilo e que sejam compreensíveis entre os participantes.
4. Emancipação: a emancipação é considerada a finalidade da gestão social, a tomada de decisão participativa traz desenvolvimento para os atores.

2.1.3 Economia solidária e inovação social

Inovação social é a forma de efetivar novas respostas às dificuldades do mundo. Sua atuação não é limitada, há a possibilidade de ser atribuído a todos os setores: sem fins lucrativos, no público ou mesmo no privado, as iniciativas que geram mais resultados ocorrem a partir da colaboração dos diferentes setores, quando há interesse entre as partes relacionadas gera mais resultados aos beneficiários (MURRAY et al, 2010).

A inovação social, na visão de Bignetti (2011), é definida como consequência do conhecimento empregado a necessidades sociais pela atuação e cooperação de todos os agentes envolvidos, constituindo em novas soluções duradouras para as associações sociais, comunidades ou a sociedade de forma abrangente. A inovação social atende os desafios e necessidades com um novo olhar, sendo que seu processo e resultados são essenciais para a transformação social.

Há também a definição por Howaldt e Schwarz que define da seguinte forma inovação social:

Inovação social é uma nova combinação e/ou uma nova configuração de práticas sociais em determinadas áreas de ação ou contextos sociais provocadas por determinados atores ou constelações de atores de forma intencional direcionadas com o objetivo de melhor satisfazer ou atender necessidades e problemas com o que é possível por meio de práticas estabelecidas (HOWALDT; SCHWARZ, 2010).

Estudos bibliográficos evidenciam não haver concordância nas definições de inovação social e sua extensão, é necessário conhecimento sólido. Seu significado é prolixo, de um

espaço em desenvolvimento para novos estudos, fato que contribui para a ampliação nos debates e averiguações entre os acadêmicos e profissionais em busca da criação de conceitos, metodologia e indicadores que proporcionem avanços nesse sentido. (BIGNETTI, 2011; SOUZA FILHO; 2014).

Após as primeiras definições determinadas por Taylor e Gabor em 1970, a inovação social sofreu várias formulações. Em um olhar mais atual, há a distinção entre inovações sociais e empresariais, alcançando características e metodologias próprias e distintas da inovação tradicional (BIGNETTI, 2011). Nas conceituações menos inovadoras, são divididas inovações empresariais em tecnológica (de produto) e organizacionais (de processo), as sociais equivalem a soluções para os problemas sociais (PHILLS et al., 2008). É importante ressaltar que inovações sociais e tecnológicas não são, necessariamente, termos individualizados. Algumas inovações tecnológicas são caracterizadas também como inovações sociais, são as chamadas tecnologias sociais (BIGNETTI, 2011).

A inovação social pode ser caracterizada como uma nova ideia ou a melhoria de uma ideia existente que, a partir disso, atende às necessidades da sociedade e gera novas relações sociais, capaz de aumentar a capacidade de atuação da sociedade (MURRAY et al, 2010).

A inovação social é manifestada a partir do conhecimento inserido a serviço da satisfação das necessidades sociais não correspondidas, e transcorre por articulação, participação ativa e colaborativa dos diversos agentes envolvidos nesse processo procurando a coesão social (SOUZA; FILHO, 2014), atuando como transmissor imprescindível à formação de meios que preencham falhas sociais, ocasionando processos de transformação social e possibilitando melhor qualidade de vida aos envolvidos e à comunidade.

Iniciativas econômicas solidárias procuram promover inclusão aos excluídos do mercado de trabalho, com objetivo de promover o desenvolvimento local e comunitário, da conexão e da cidadania. Formas de economia solidária potencializam o desenvolvimento social e a geração de redes de cooperação e conexão de capital social, privilegiando os princípios inseridos no contexto do movimento. Dentre os benefícios, é possível destacar: o empoderamento dos seus participantes, coesão social e reconhecimento de uma economia plural (FONTENEAU et al., 2010; SOARES et al, 2016).

Cloutier (2003), um dos precursores do tema inovação social, declara a importância de conhecer alguns parâmetros para identificar a inovação social: a) em um determinado contexto,

ter caráter inovador e experimental; b) os atores do projeto necessitam de disposição para tomada de risco; c) impacto em relação às políticas sociais em parâmetro nacional ou local; d) parceria entre os atores com qualidade; e) colaboração dos beneficiários no projeto (apud PATIAS et al., 2017).

Na visão de Cloutier (2003), a inovação social pode ser compreendida como o ato de criar novos vínculos, é a base ou formas de decisão, com princípio na consciência individual, porém, posteriormente coletiva, contextual e com vínculo em sua trajetória, proporcionando mudanças que levam a inserção dos indivíduos (apud PATIAS et al., 2017). No quadro 5 são apresentados os tipos de inovações sociais abordado por Cloutier (2003):

Quadro 5 - Os diferentes tipos de inovações sociais

Classificação	Tipo de Inovação Social		
	Centrada no Indivíduo	Orientada pelo Meio	Realizada nas Empresas
Forma	Imaterial, se opondo à noção de “produto”	Imaterial (novas relações sociais)	Novas formas de organização do trabalho
Processo	Interação e cooperação entre os envolvidos, desde a tomada de consciência da necessidade e, a concepção do projeto, até a execução	Criação de novas instituições ou modificação do papel das existentes	Desenvolvimento de novas estruturas de produção
Atores envolvidos	Indivíduos	Sociedade; Poder público	Direção e colaboradores
Objetivos da Mudança	Solução de problemas sociais	Melhoria da qualidade de vida	Perspectiva instrumental: necessidade de um rearranjo que facilite a criação do conhecimento e a inovação tecnológica; Perspectiva não-instrumental: melhoria da qualidade de vida no trabalho
Exemplo de Ações	Empréstimos iniciais realizados pelo <i>Grammen Bank</i> , quando o objetivo inicial era a retirada das mulheres artesãs da situação de pobreza	Consolidação do <i>Grammen Bank</i> , promovendo desenvolvimento econômico e social nas regiões onde atuava	Estrutura composta por mulheres; forma de prospecção de clientes

Fonte: Adaptado de Cloutier (2003) e Santos (2012) *apud* Patias et al.

O autor informa que a inovação social pode ser categorizada em quatro formatos distintos: a primeira classificação é a forma, a sua configuração; o segundo é o processo, a sua formação e implementação; o terceiro são os atores envolvidos; e por fim, o último, são os objetivos da mudança, os resultados alcançados.

A inovação social surge como uma opção acessível de mudança que une todos em prol do aperfeiçoamento social (ANDRÉ; ABREU, 2006; MURRAY et al., 2010; BIGNETTI,

2011). Além disso, promove a inclusão social por meio da capacitação e empoderamento dos atores envolvidos (ANDRÉ; ABREU, 2006). Trabalha na geração de valores a partir dos interesses dos grupos sociais em detrimento da apropriação de valor e interesse pessoal (MIZIK; JACOBSON, 2003).

Na figura 22 é apresentado o ciclo dos seis estágios da inovação social, classificados respectivamente como: avisos; propostas; protótipos; manutenção escala; mudança sistêmica.

Figura 22 - O ciclo da inovação social



Fonte: Murray et al. (2010, p.11)

Conforme Murray et al.(2010), cada estágio é caracterizado conforme a seguinte descrição:

1) Avisos, inspirações e diagnósticos: na etapa atual já encontram-se todas as condições que enfatizam a necessidade de inovação (crise, cortes de gastos públicos, mal desempenho) e também os estímulos para despertar a imaginação criativa. Esta etapa é composta pelo diagnóstico do problema, por meio de perguntas definidas que oportunizam ir além da identificação do mesmo.

2) Propostas e ideias: inclui a reprodução de ideias, na fase atual é possível fazer uso de métodos criativos para ampliar as opções disponíveis.

3) Protótipos e pilotos: na etapa atual é necessário realizar o teste das ideias concebidas. O processo de teste é muito importante para as economias sociais, visto que com tentativas e erros que suas junções aprimoram as ideias.

4) Manutenção: é o momento em que as ideias desenvolvidas começam a fazer parte do cotidiano. Por meio desta fase é possível aprimorar a ideia e identificar a movimentação da renda e assegurá-la.

5) Escala e difusão: a fase atual se refere ao desenvolvimento e amplitude da inovação, as inovações sociais crescem por muitas maneiras, através de inspirações e estímulos ou por meio de apoio e conhecimento ampliando para outras realidades.

6) Mudança sistêmica: é o último objetivo da inovação social, à medida em que os empreendimentos de inovação social crescem, eles geram dependência da formação de novas condições.

Como primeira etapa para alavancar o processo de inovação social é necessário identificar uma necessidade que está sendo mal atendida ou mesmo não atendida e da criação de uma ideia para suprir tal necessidade. Em alguns casos há notoriedade do problema a ser solucionado, mas em outras existe certa dificuldade em reconhecê-los. Para atribuir nomenclatura e definição a essas necessidades é preciso recorrer aos movimentos sociais, ativistas e organizações voluntárias.

A segunda etapa é realizar o teste prático de uma ideia promissora. A partir do teste é possível concluir falhas e trabalhar nelas para melhorar. Após a fase anterior, é obtido uma ideia apta para ser desenvolvida. Na terceira etapa da inovação social, a ideia é alimentada, ampliada, replicada, adaptada a outras realidades ou ainda franqueada. A última fase é a do aprendizado e da adaptação (MULGAN et al., 2007).

Na visão de Neumeier (2012), o processo de inovação social é constituído por três períodos: problematização; expressão de interesses e delimitação; e coordenação. A problematização ocorre quando um indivíduo ou uma equipe altera sua conduta. A expressão de interesses acontece quando outros indivíduos identificam a mudança na conduta e ficam interessados. E por último, a delimitação e coordenação ocorre quando há um gerenciamento para edificar a capacidade dos indivíduos e sanar o problema.

A economia solidária surge como uma ação econômica que atesta a possibilidade de desenvolver atividades de produção, consumo e financiamento pautadas em princípios de cooperação, solidariedade, democracia e autonomia. A inovação social, definida como novas estratégias, conceitos, ideias e organizações de resposta às necessidades sociais, é importante para as formas de economia solidária que aderem a desafios e ocasiões favoráveis da inovação social na medida em que sugere um novo acordo entre o Estado, sociedade civil e mercado. As organizações sociais caracterizam-se como inovadoras sociais por possuírem uma organização única, criada para solucionar problemas de fonte social, desenvolvendo indivíduos e comunidades para o benefício da sociedade e sem ignorar as condições rentáveis (RAMOS, 2011).

As iniciativas da inovação social surgem com a necessidade pela busca de alternativas que dirijam para a redução do desemprego, exclusão e desigualdade social, surgindo a economia solidária, com objetivo de resgatar o direito ao trabalho e à percepção de renda, abrangendo atores econômicos, sociais e governos. É compreendido que a ES é uma resposta à crise do trabalho e a insatisfação com o comportamento público de segurança social. (SOARES *et al*, 2016; RAMOS, 2011).

O processo de inovação social ocorre no momento em que os agentes envolvidos se reúnem gerando redes colaborativas, com a participação na gestão, na governança e na criação de soluções com objetivo de solucionar problemas sociais não supridos por órgãos governamentais e empresas, atuando de forma independente de outras instituições. Surge uma relação entre gestão compartilhada e inovação social. A inovação social prioriza a questão social, não objetiva ganhos econômicos, desenvolvendo atividades econômicas contrário ao modelo tradicional de mercado (DANTAS; OLIVEIRA; CORREIA, 2018).

É primordial uma abordagem dos modelos de economia solidária sobre o ponto de vista das inovações sociais, autorizando que incentivos de economia solidária possam vir de inovação social. Analisar a relação entre economia solidária e inovação social possibilita o entendimento das circunstâncias que propicia a criação e implementação de inovações sociais, assim como também o processo ao qual pode gerar modelos de economia solidária nas regiões (CORREIA; OLIVEIRA; GOMEZ, 2016).

3 PROPOSIÇÃO DE AÇÕES

Com base na vivência proporcionada às acadêmicas pelo Projeto de Extensão Universitária Pontes de Transformação, ao longo do ano de 2019, na Revolução dos Baldinhos, foi possível estruturar no presente trabalho uma proposição de ações que refletissem a demanda observada através do processo de diagnóstico.

No final do segundo semestre de 2019, surgiu a ideia entre os membros da RB de realizar uma roda de conversa com objetivo de discutir a falta de engajamento na organização. No entanto, a equipe estava com poucos agentes, não teria condições de estruturar o momento e pediu para os membros do projeto de extensão colocarem a ideia em prática. Mesmo sabendo que seria um grande desafio reunir esses colaboradores que já passaram pela associação, as autoras do presente trabalho assumiram o pedido da líder comunitária e iniciaram a estruturação do momento.

Com o propósito de gerar um registro histórico para a Revolução dos Baldinhos, promover a disseminação de informações referente ao tema e utilizar como material didático para fins acadêmicos, foi optado por ir além de uma roda de conversa e realizar um vídeo que traduzisse a questão do engajamento a partir das narrativas capturadas na roda de conversa. Sendo assim, o produto desenvolvido no presente Trabalho de Curso é o vídeo disponível no link a seguir: <https://youtu.be/lS6oIDbSjws>.

A roda de conversa, material de estudo e suporte para o vídeo, ocorreu no último final de semana antes do decreto de isolamento social em Florianópolis, no dia 14 de março de 2020, no período das 09:00 às 13:00. Finalizada a roda e discussões acerca do tema de engajamento, foi realizado um almoço para os participantes e um sorteio de prêmios adquiridos com parceiros.

Para tornar a roda de conversa e o vídeo realidade, o planejamento foi iniciado em dezembro de 2019. Foi preciso elaborar a lista de convidados, estruturar e enviar os convites, conseguir doação de alimentos proporcionando café e almoço aos participantes, parceria para confecção das camisetas da Revolução utilizadas na roda, itens para sorteio, além da parceria com a Átomo Produções para garantir a filmagem e edição da gravação.

3.1 Justificativa Teórica das Ações

As acadêmicas, ao vivenciarem o funcionamento da Revolução dos Baldinhos durante 2019, através dos seus conhecimentos teóricos, se depararam com inúmeras ações que caracterizavam princípios de economia solidária amparados nas ações da líder comunitária. Através desse cenário e da afinidade com os conhecimentos sobre Organizações da Sociedade Civil desenvolvidos ao longo do curso de administração, deu-se a escolha do tema do atual Trabalho de Conclusão de Curso.

Além disso, foi realizado uma roda de conversa com objetivo de gerar discussões e comprovar a teoria das acadêmicas através das suas vivências na organização estudada por meio de membros e ex-membros.

Conversar não só desenvolve a capacidade de argumentação lógica, como, ao propor a presença física do outro, implica as capacidades relacionais, as emoções, o respeito, saber ouvir e falar, aguardar a vez, inserir-se na malha da conversa, enfrentar as diferenças, o esforço de colocar-se no ponto de vista do outro etc[...].
(WARSCHAUER, 2001, p.179)

No estudo foi aplicado a roda de conversa para a obtenção de dados. A conversa possibilita a troca de experiência, o desabafo, cria opiniões ou mesmo pode modificar um ponto de vista. A conversa vai se desenvolvendo e gerando trocas a partir da discussão do grupo e da interação dos presentes (MOURA; LIMA, 2014)

Após a roda de conversa, construindo e analisando o vídeo desenvolvido, compreendeu-se que a falta de engajamento é um fator sensível ao projeto e acaba por fragilizar os princípios por trás da Revolução dos Baldinhos visto em sua líder comunitária, como os de Economia Solidária. Segundo Paul Singer (2001), a economia solidária é composta por associações voluntárias com o objetivo de gerar benefícios econômicos aos seus membros surgindo como reação a carências, a pobreza dessas pessoas, que o sistema econômico não resolve.

E é exatamente essa função, de suprir necessidades econômicas da comunidade local, que a organização da sociedade civil em estudo se propõe. No entanto, conforme análise das discussões do vídeo, os moradores possuem receio de se tornarem associados e não possuem um salário que supra suas necessidades ao final do mês. Paul Singer (2001) afirma que a entrada em cooperativas de produção é uma aventura, pois o sucesso da empresa social não é garantido

e exige um verdadeiro sacrifício dos participantes, com jornadas de grande duração, para garantir a sobrevivência do projeto.

É de grande relevância para uma organização da sociedade civil o sentimento de pertencimento por parte de seus membros e o envolvimento deles no cotidiano. Para que a organização prospere é necessário que os seus participantes se unam, construindo juntos uma gestão participativa, com indiscriminação social e, por consequência, pensem juntos sobre o futuro organizacional, sendo assim os participantes devem possuir idêntico poder de decisão. O enfraquecimento desses laços pode causar o fim da organização (GAIGER; FERRARINI; VERONESE, 2016).

A Cíntia Aldaci da Cruz, líder comunitária, possui o objetivo, através da organização social, de romper o tradicional sistema capitalista de produção trazendo mais benefícios econômicos e sociais aos moradores da comunidade. Dessa forma, todos os colaboradores da RB, em sua gestão, são considerados coproprietários evidenciando a democracia interna com o mesmo poder de voto a cada pessoa, independentemente de ser presidente ou coletor de resíduos rompendo a tradicional alienação dos funcionários em apenas cumprir ordens de seus superiores.

3.2 Procedimentos Metodológicos

O método é o conjunto de processos que possibilita o conhecimento da realidade e através dele é possível identificar a forma pela qual um objetivo é alcançado. Ele também pode ser caracterizado como uma forma de pensar para alcançar a natureza de um problema diferenciando a obtenção de um resultado ao acaso (OLIVEIRA, 1997).

Após a estruturação da revisão teórica sobre os temas de Economia Solidária e Inovação Social, que pautam o presente estudo de caso, apresenta-se neste capítulo o desenvolvimento da metodologia utilizada para cumprir o objetivo geral: Realizar uma atividade coletiva na qual os membros da comunidade possam refletir sobre a história da organização Revolução dos Baldinhos.

Dado o propósito do presente trabalho de conclusão de curso ele é definido como uma pesquisa aplicada. Segundo Ander-Egg (1978), citado por Marconi e Lakatos (2002), a pesquisa

aplicada "como o próprio nome indica, caracteriza-se por seu interesse prático, isto é, que os resultados sejam aplicados ou utilizados, imediatamente, na solução de problemas que ocorrem na realidade".

Silva e Menezes (2005, p.20) destacam que a pesquisa aplicada "objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática e dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais".

No quadro 6 estão expressos os objetivos específicos deste trabalho e a indicação do procedimento metodológico adotado.

Quadro 6: Procedimentos metodológicos

Objetivos da pesquisa	Atividade	Procedimentos metodológicos
A)	Contextualizar a Revolução dos Baldinhos;	Pesquisa documental e observação participante
B)	Identificar membros expressivos ao longo da história da Revolução dos Baldinhos;	Entrevista com a líder comunitária
C)	Organizar e conduzir uma Roda de Conversa com os membros identificados na etapa anterior;	Detalhado na seção abaixo
D)	Capturar a Roda de Conversa em recurso audiovisual;	
E)	Eternizar a discussão, através da produção de um documento audiovisual editado à luz da Economia Solidária.	

Fonte: elaborado pelas autoras.

Para suceder a roda de conversa elaborada no dia 14 de março de 2020, foi necessário efetuar algumas reuniões de alinhamento entre os organizadores do evento. A roda de conversa contou com os seguintes organizadores: Cíntia Aldaci, líder comunitária da Revolução dos Baldinhos; Zé Carlos, representante da empresa de produção visual Átomo Produções; Helena Kuerten de Salles, professora orientadora do Trabalho de Curso; Marcela Silva Adam e Maryane Cristina de Souza, autoras do Trabalho de Curso. O quadro 7 a seguir apresenta os dias das reuniões realizadas com os organizadores do evento, no total foram executadas oito reuniões de alinhamento entre os meses de janeiro e fevereiro:

Quadro 7 - Reuniões de alinhamento para a realização da roda de conversa

Participantes das reuniões elaboradas para a organização da Roda de Conversa	Janeiro		Fevereiro					
	Dia 13	Dia 31	Dia 04	Dia 06	Dia 10	Dia 13	Dia 14	Dia 21
Líder comunitária Cíntia Aldaci	X	X			X		X	X
Átomo Produções (Zé Carlos)			X		X			
Profª Helena de Salles				X		X		X
Autoras do Trabalho de Curso	X	X	X	X	X	X	X	X

Fonte: Elaborado pelas autoras

Durante as reuniões de alinhamento ficou estabelecido o cronograma do evento. Dentre algumas discussões, foi ajustado para o evento acontecer somente no período da manhã de um sábado, visto que alguns convidados para a roda de conversa não faziam mais parte da Revolução dos Baldinhos, possuindo outros compromissos durante a semana. O quadro 8 exibe o cronograma estabelecido nas reuniões de alinhamento:

Quadro 8 - Horários da Roda de Conversa

Cronograma do evento	Horário
Recepção dos convidados	09:00
Abertura rápida e dinâmica	09:30
Desenvolvimento da Roda de Conversa	10:00
Encerramento	12:00
Sorteio	12:30
Almoço	13:00

Fonte: Elaborado pelas autoras

Algumas demandas foram criadas para que a roda de conversa se sucedesse. Primeiro foi necessário obter a confirmação do evento e a definição da data; depois verificou-se algumas

empresas de produção de vídeos em Florianópolis que poderiam realizar a gravação e edição das gravações; com objetivo de tornar o ambiente direcionado ao tema de discussão, foi realizado a confecção de cartazes, com a histórico da Revolução dos Baldinhos e algumas notícias envolvendo a instituição; também foi preparado um convite impresso com sementes para a líder comunitária entregar pessoalmente aos convidados; durante a organização foram recebidas algumas doações para o evento, incluindo ingredientes para o almoço, alimentos para o café, camisetas com a estampa da RB e alguns brindes para sortear no dia do evento. Em seguida, no quadro 9, pode ser observado as demandas do encontro e o mês que cada atividade foi concluída:

Quadro 9 - Cronograma da Roda de Conversa

Demandas	Conclusão		
	Janeiro	Fevereiro	Março
Definição da data do evento	X		
Contratação de produção de vídeo	X		
Confecção de cartazes e convites		X	
Doação de ingredientes para o almoço		X	
Doação de alimentos para o café		X	
Doação de brindes para o sorteio		X	
Doação de camisetas para a Revolução		X	
Confirmação dos convidados			X
Confirmação dos ajudantes no evento			X

Fonte: Elaborado pelas autoras

Para definir a data, foi realizado uma reunião com a líder da organização, Cíntia Aldaci, que selecionou o momento mais adequado com base nos compromissos da Revolução dos Baldinhos e também no melhor dia e horário para os convidados.

A contratação da empresa de produção de vídeo, Átomo Produções, foi realizada por meio de indicação. Em um primeiro momento, a empresa faria toda a produção de forma gratuita, mas visto o grande trabalho de filmagem e edição, as acadêmicas pagaram 50% do orçamento original sendo o restante enquadrado como doação.

Os aspectos técnicos e de edição de vídeo foram operacionalizados pela mesma produtora. A infraestrutura de câmeras fixas, móveis, microfones e iluminação foram gerenciados pelo operador de filmagem presente. Um cuidado tomado durante a gravação foi o de não colocar os microfones muito próximos aos participantes para não retrain a fala dos mesmos. Cabe destacar que, relacionado aos aspectos éticos do uso das imagens e áudios, todos

os participantes assinaram um termo de consentimento sobre o direito de uso das filmagens pelos pesquisadores. Todos esses documentos foram escaneados e estão presentes no apêndice.

Assim, nesta pesquisa, o método de análise de conteúdo foi realizado através do material audiovisual gravado durante a roda de conversa, as entrevistas individuais também filmadas e através da experiência de um ano das discentes na Revolução dos Baldinhos com seus entendimentos sobre a problemática.

Bardin (1977) apud Triviños (1987) ainda salienta que existem três etapas dentro da análise de conteúdo: pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial. A primeira corresponde a organização do material para entender com a definição da pergunta de pesquisa, métodos de coleta de dados e o apoio teórico. Nessa pesquisa, essa etapa envolveu a coleta do material, e a seleção de quais imagens e narrativas eram mais relevantes baseado nos objetivos e referencial teórico do estudo.

A chamada dos convidados foi a etapa mais importante do processo de organização, visto o desafio em reunir os membros e ex-membros expressivos da instituição. Em uma das reuniões com a Cíntia, ficaram definidos os seguintes tópicos: os convites seriam realizados pela líder comunitária por meio do *whatsapp* confecção de convites virtuais (arte de divulgação); e pessoalmente através de convites confeccionados pelas autoras do trabalho.

A lista de participantes convidados a participar da roda de conversa foi definida pela líder comunitária ao refletir sobre quais ex-membros da Revolução agregariam mais à discussão. Como o espaço da sede da organização sem fins lucrativos não é amplo, havia a limitação de 15 pessoas presentes simultaneamente.

Para fortalecer os laços de luta defendido pela Revolução dos Baldinhos e conectar os membros à roda de conversa, Cíntia Aldaci nomeou o evento de “Os revolucionários”. A cor verde do convite, representando a natureza, as imagens ilustrando o trabalho na revolução e a semente que retrata o cultivo, teve por objetivo estimular sentimentos e lembranças da RB. A figura 23 retrata o material produzido.



Fonte: Elaborado pelas autoras

Por sua vez, os cartazes foram confeccionados com objetivo de trazer o sentimento de pertencimento à organização. No local da roda de conversa foi inserido um cartaz com a linha do tempo da Revolução dos Baldinhos, no qual constavam todos os principais marcos históricos da instituição. Foi realizado também a impressão das principais notícias da associação e produzido um varal de notícias em ordem cronológica.

Figura 24 - Cartaz com a linha do tempo da Revolução dos Baldinhos



Fonte: Elaborado pelas autoras

As refeições (café da manhã e almoço) foram arrecadadas por meio de mídias sociais quando as autoras do Trabalho de Curso realizaram uma postagem nos seus respectivos perfis.

Após a divulgação, diversas pessoas responderam as postagens manifestando interesse em doar. Devido à ação comentada, todos os alimentos foram doados por pessoas físicas.

Também foram arrecadadas 50 camisetas de cores diversas com a estampa da Revolução dos Baldinhos. Para conseguir doações, as acadêmicas entraram em contato com algumas empresas de fabricação de camisetas e estamparias. Entre as fabricantes de camisetas, foram recebidas doações da Apalai, Doce Mel Confecções e Curvão. Após muito esforço na busca pelas estampagens, as discentes compreenderam que precisavam buscar patrocínios com outras empresas, e assim, após ligar para a Regional FM, conseguiram o valor referente às estampas das camisetas.

No dia do evento houve o sorteio de alguns itens entre os presentes, como duas peças de roupas femininas da loja *Saint Clair*, um óculos novo da marca *Ray Ban* e três kits de limpeza da Kuerten Distribuidora. Os sorteios ocorreram no final da roda de conversa, pois o objetivo era manter as pessoas até o final do momento e atrair o público para o evento.

A roda de conversa contou com o total de 11 participantes, dentre eles, 4 eram organizadores do evento. Apesar do baixo número de participantes, existiram ricas discussões envolvendo a questão de engajamento, como pode ser observado no vídeo produzido. Para obter registro do momento, foi realizada uma foto ao final da roda de conversa com todos os participantes (figura 25) da esquerda para a direita: Wesley Pereira Rodrigues, Maryane Cristina de Souza, Beatriz Antunes da Rosa, Cíntia Aldaci Cruz, Helena Kuerten de Salles, Sabrina Rodrigues, Denis Pinheiro, Rafael, Dóris Regina, Marcela Silva Adam e Kethelin da Silva.

Figura 25 - Foto dos participantes da roda de conversa



Fonte: Acervo das autoras

Após a realização do evento, ocorreram algumas medidas de controle à covid-19, incluindo o fechamento da Universidade Federal de Santa Catarina. Apesar da situação, foi dada continuidade à construção do vídeo. As autoras realizaram a seleção das filmagens gravadas no dia da roda de conversa e por meio delas, foram elaboradas algumas reuniões para o desenvolvimento do roteiro. O quadro 10 mostra os dias das reuniões realizadas para a construção do roteiro e os ajustes finais:

Quadro 10 - Reuniões realizadas para a construção e ajustes no roteiro

Reuniões realizadas para a construção e ajustes no roteiro	Marcela Adam	Maryane de Souza	Profª Helena de Salles
22/04/2020	X	X	X
27/04/2020	X	X	
15/05/2020	X	X	X
19/05/2020	X	X	
22/05/2020	X	X	X
10/08/2020	X	X	X
04/09/2020	X	X	X

Fonte: Elaborado pelas autoras

Após essas reuniões, ficou estabelecido a seguinte ordem cronológica, disponível no quadro 11, dos temas abordados:

Quadro 11 - Roteiro para o vídeo documentário

Roteiro para o vídeo documentário
Introdução
Fala introdutória da roda de conversa
Reportagem sobre a metodologia da Revolução
Narração da metodologia aplicada na Revolução
Fala roda de conversa
Narração das premiações e eventos
Vídeo didático sobre economia solidária
Vídeo didático sobre empoderamento
Fala roda de conversa
Vídeo didático sobre trabalho decente
Fala roda de conversa
Reportagem sobre a metodologia da Revolução
Fala individual de um membro
Vídeo didático sobre engajamento
Fala roda de conversa
Fala individual de um membro
Fala roda de conversa
Vídeo didático sobre emancipação
Fala roda de conversa
Falas individuais dos membros

Fonte: Elaborado pelas autoras

3.2.1 Orçamento das Ações

A organização do evento para filmagem do vídeo com a reunião de ex-membros da Revolução dos Baldinhos despendeu alguns gastos para operacionalização do momento. O maior custo envolvido na pesquisa aplicada foi referente ao momento da filmagem com um operador de vídeo e áudio presente, além da posterior edição dos materiais gravados.

Para o valor da pesquisa ficar viável às acadêmicas, as discentes estruturaram termos de parceria, ofícios, ligações e e-mails para enviar a diversas empresas da grande Florianópolis com o intuito de conseguir outros itens necessários ao evento. Dessa forma, a Regional FM foi responsável por pagar o valor referente à estampagem das 50 camisetas com a logotipo do projeto social utilizadas durante o evento. Por sua vez, o número total de camisetas de cores variadas foram doadas pelas empresas: Apalai, Doce Mel Confecções e Curvão.

Na recepção do evento foi oferecido café da manhã aos participantes e almoço após a roda de conversa ser finalizada. Então, foi realizada uma estimativa das quantidades de alimentos para o encontro e as acadêmicas anunciaram em suas redes sociais que buscavam doações. Através dessa ação, diversas pessoas entraram em contato e a arrecadação de comida foi bem sucedida.

No quadro 12, estão discriminados os preços correspondentes aos itens doados e comprados. Alguns estão com a observação de valor aproximado de mercado por ser doação direta. No entanto, aqueles com orçamento formalizado, estão anexados ao trabalho.

Quadro 12 - Discriminação dos itens doados/comprados

Item	Origem	Doado/ Pago por	Custo	Valor
Diária de captação + edição	Pago	Acadêmicas	Orçado	R\$ 397,00
Diária de captação + edição	Doação	Átomo Produções	Orçado	R\$ 600,00
Segunda edição com novos materiais e criação	Pago	Acadêmicas	Orçado	R\$ 300,00
Segunda edição com novos materiais e criação	Doação	Acadêmicas	Orçado	R\$ 397,00
50 Camisetas de algodão	Doação	Apalai/ Doce mel/ Curvão	Valor aproximado	R\$ 500,00
Estamparia das camisetas	Doação	Regional FM	Orçado	R\$ 400,00
Almoço	Doação	Pessoas físicas diversas	Valor aproximado	R\$ 150,00
Café	Pago	Pessoas físicas diversas	Valor aproximado	R\$ 80,00
TOTAL				R\$ 2.824,00

Fonte: Elaborado pelas autoras

3.2.2 Resultados Esperados

Com a produção do vídeo como material institucional para a Revolução dos Baldinhos, objetivou-se como resultado esperado a reflexão sobre o engajamento da comunidade, os princípios de economia solidária presentes e a origem das dificuldades.

O tema se torna bastante relevante quando levado em consideração o conhecimento teórico necessário aos membros da associação para a identificação do tipo de organização que a Revolução dos Baldinhos é constituída, suas particularidades, pontos de melhorias e

dificuldades. Alguns princípios de economia solidária foram abordados no roteiro com o propósito de identificar os mesmos nas falas da roda de conversa com apoio na sua validação teórica.

O vídeo gerou a discussão entre diversos membros e ex-membros da organização reunidos no mesmo espaço. A líder comunitária inicia o momento com a seguinte fala: “O objetivo da atividade de hoje é identificar melhor os anseios, de como a Revolução foi composta, todos os autores que participaram ao longo desse tempo e de poder entender melhor a dimensão do processo desde 2008 quando iniciou o projeto na comunidade. Esta atividade de hoje traz o anseio de entender o momento, como foi aplicada a metodologia, com a dificuldade dos agentes comunitários de entender seu papel, sua atuação, questão territorial, processo de autonomia do projeto e hoje é um grande desafio envolver a comunidade.”

Surgiram diversas contribuições dos participantes da roda de conversa acerca da construção histórica da organização da sociedade civil remetendo ao seu início, em 2008 e nos anos seguintes, com a insuficiência de conhecimento dos membros da Revolução na época sobre o sentimento de dono e autoria dos processos que deveriam ter para manter o projeto social. Sem essa instrução, houve uma construção histórica, da maioria absoluta das pessoas que passaram pela RB, a verem apenas como uma fonte de renda e não como uma ferramenta de transformação da sociedade.

Quando se analisa o princípio da autossustentação, que possui enorme relação com o engajamento da comunidade na associação, o mesmo possui deficiências como visto no vídeo produzido. Nele, durante a discussão, são apresentadas as possíveis causas sendo a mais evidenciada a falta de uma remuneração garantida ao final do mês sem o apoio financeiro de órgãos públicos ou empresas privadas.

A consequência dessas questões é a falta de engajamento atual da Revolução dos Baldinhos, que no momento presente de 2020, não conta com bolsas de trabalho e apoios financeiros de órgãos públicos ou privados. Assim, a RB depende exclusivamente da venda de seus produtos e cursos para gerar receita ao longo do mês e pagar os colaboradores. Cabe destacar que, a questão financeira aliada a falta de apoio também foi bastante mencionada ao longo do vídeo.

Assim, na contextualização da problemática, foi levantado toda a experiência vivida pelas discentes desde o início da parceria do projeto de extensão com a Revolução dos

Baldinhos até a compreensão que a falta de engajamento era um dos maiores problemas enfrentados na instituição, e assim, resultando na criação de um vídeo institucional com ex-membros para discutir a problemática.

A pesquisa aplicada deste trabalho expôs as características da RB que a diferencia das empresas tradicionais capitalistas através do estudo e análise dos princípios presentes em organizações de economia solidária. A presente pesquisa também serve para discutir e analisar o funcionamento e atuação por trás dos mesmos princípios, além dos problemas existentes.

As autoras acreditam que a roda de conversa tenha gerado alguns encaminhamentos e reflexões sobre o engajamento dos membros. Com a entrega do vídeo, os membros poderão compreender melhor o conceito de economia solidária e ver a própria história documentada. Acredita-se que isso possa contribuir com o movimento da Revolução dos Baldinhos de independência dos atores externos e fortalecimento do envolvimento comunitário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O último capítulo exhibe as considerações finais deste trabalho de conclusão de curso. Este estudo aplicado buscou executar uma atividade coletiva com o propósito de trazer a reflexão sobre o histórico da organização Revolução dos Baldinhos aos membros da comunidade.

O trabalho inicia-se com o diagnóstico organizacional, em que apresenta o histórico da organização da sociedade civil, todas as suas conquistas e alguns questionamentos. Além disso, durante a estruturação do capítulo, foi abordado o histórico do bairro Monte Cristo e da comunidade Chico Mendes, considerado de grande relevância para compreender melhor a organização. No processo, foram relatadas as principais atividades do projeto de extensão Pontes de Transformação em que as autoras abordam sobre as principais atividades que desenvolveram na Revolução dos Baldinhos.

Por sua vez, no capítulo posterior, é descrito o referencial teórico do estudo. Durante o seu desenvolvimento estabeleceu-se como foco a conceituação de economia solidária, a exposição de seus princípios e como ela existe no Brasil. Na evolução do referencial teórico, também foi tratado a relação com gestão social e inovação social.

A proposição das ações expõe do que o trabalho ofereceu como produto, isto é, o que foi desenvolvido no presente estudo aplicado. O vídeo da roda de conversa foi o produto final do Trabalho de Conclusão. Para que a produção audiovisual fosse realizada, foi desenvolvido um encontro com alguns dos membros mais expressivos da RB para analisar a trajetória histórica da organização. Dessa forma, o vídeo teve o propósito de eternizar a discussão estabelecida no dia da roda de conversa e estruturá-lo à luz da Economia Solidária.

A metodologia utilizada, método abordado pela pesquisa, pode ser caracterizada quanto à sua natureza, abordagem, finalidade ou objetivos e procedimentos adotados. Assim, respectivamente neste trabalho, pode ser denominada de pesquisa aplicada, qualitativa e exploratória através de um estudo de caso em forma de roda de conversa. É importante destacar também que, seu horizonte de pesquisa refere-se ao recorte transversal e perspectiva longitudinal. Os principais procedimentos para a coleta de dados foram a observação direta, contando com o domínio da teoria por parte das pesquisadoras, e indireta com a utilização de recursos de filmagem e gravação de áudio.

A Revolução dos Baldinhos é centro constante de estudos acadêmicos voltados ao campo da Agronomia com a investigação dos seus métodos de tratamento dos resíduos orgânicos e práticas de agricultura urbana.

No entanto, com a vivência das discentes da área de estudos organizacionais no local, percebeu-se que não existiam estudos remontando a construção de uma perspectiva histórica e os seus desafios decorrentes de anos de dinâmicas de interação. Por este motivo, as discentes decidiram iniciar a investigação através de uma roda de conversa com o objetivo de refletir e debater a construção da Revolução dos Baldinhos com os membros mais expressivos que já passaram pela associação.

Além das reflexões e análises trazidas a RB sobre a problemática, esse estudo também visa apoiar demais organizações da sociedade civil que passam por problemas semelhantes, uma vez que o engajamento social em empreendimentos de economia solidária é um desafio comum, pois depende das motivações e aspirações de cada indivíduo.

O estudo obteve como resultados diversas reflexões advindas da reconstrução histórica da Revolução dos Baldinhos. Um ponto bastante citado e discutido pelos presentes na roda de conversa foi a argumentação de que nos primeiros anos de existência da RB não houve a preparação dos agentes comunitários como “donos” do espaço comunitário. Como consequência, o empoderamento e a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso da organização não foram aspectos desenvolvidos com os moradores da comunidade.

A atual líder da RB ainda afirma que, enquanto existiam bolsas de remuneração, salários e outras garantias na ação comunitária, existiam pessoas interessadas em trabalhar. No entanto, sem o dinheiro garantido ao final do mês, o cenário se tornava diferente, pois os trabalhadores não viam a Revolução como uma ferramenta de transformação das suas realidades e da conquista de autonomia.

Outro fator amplamente debatido como resultado da reunião desses membros foi a ausência de capacitação para os agentes comunitários gerirem o espaço sem a dependência de pessoas vinculadas a outras organizações, nos anos iniciais do projeto, tornando-os dependentes dos parceiros externos. As capacitações que aconteciam eram voltadas ao trabalho operacional que possibilitavam o funcionamento das leiras de compostagem e o desenvolvimento dos adubos. Nessa visão, a líder comunitária concluiu que é difícil alguém se empoderar daquilo que desconhece.

O objetivo geral atribuído ao estudo de caso em questão, realizar uma atividade coletiva na qual os membros da comunidade possam refletir sobre a história da organização Revolução dos Baldinhos, foi atingido. A atividade coletiva foi concretizada no dia 14 de março de 2020, por meio de uma roda de conversa, que teve como objetivo a discussão sobre o engajamento dos membros na organização. Tal demanda foi solicitada pela líder comunitária com a intenção de compreender a falta de sentimento de pertencimento e a alta rotatividade dos colaboradores.

Por sua vez, o primeiro objetivo específico correspondia à contextualização do histórico da Revolução dos Baldinhos e foi alcançado através da pesquisa e observação direta das discentes durante 1,5 anos no local. Assim, tornou-se possível identificar e relatar os principais acontecimentos da organização no desenvolver do trabalho, documentar as premiações, conquistas, parcerias e dificuldades. Durante o processo de apontamento do histórico organizacional, também foi possível identificar na conduta de seus membros alguns aspectos relacionados à presença íntegra de emancipação nos processos envolvendo a organização da sociedade civil estudada, grande parte desse caráter é oriundo do empoderamento de seus integrantes.

O segundo objetivo específico, identificar membros expressivos ao longo da história da Revolução dos Baldinhos, foi possível em razão da atuação, desde o princípio, da Cíntia na RB. Dessa forma, a mesma pode selecionar os membros mais expressivos da organização ao longo de sua existência possibilitando o convite estratégico a essas pessoas para comparecem na roda de conversa.

A organização e condução de uma roda de conversa com os membros identificados na etapa anterior constituiu o terceiro objetivo específico e seu alcance foi possível como consequência do trabalho em conjunto das discentes, professora orientadora e a líder comunitária Cíntia. Apesar do comparecimento de pessoas abaixo do número esperado, mais um fator indicativo do problema do engajamento, os resultados obtidos com a reflexão dos presentes sobre a problemática foram muito valiosos ao estudo.

No dia da roda de conversa, por via da autorização dos presentes, ocorreu a gravação audiovisual do momento possibilitando atingir o quarto objetivo, capturar a roda de conversa com recursos de áudio e vídeo. O atingimento desse resultado possui grande relação com o fechamento de uma parceria com a Átomo Produções que aceitou executar o projeto por um preço bastante abaixo do mercado.

Por fim, em congruência com o último objetivo específico, eternizar a discussão através da produção de um documento audiovisual editado à luz da Economia Solidária, o grande propósito das autoras do presente estudo foi prover a criação de um documento para perpetuar o momento de discussão e trazer a visão desses em paralelo com os fundamentos da economia solidária. Esse registro tornará fonte de estudo para a Revolução dos Baldinhos, para a comunidade acadêmica e outras organizações da sociedade civil.

Por se tratar de uma pesquisa aplicada, a essência da pesquisa não circundava em compreender os motivos da falta de engajamento. Assim, sugere-se que para estudos futuros, explorar os motivos para participação e engajamento nas organizações da sociedade civil.

Outro ponto de grande relevância a ser estudado é o envolvimento de mulheres desempenhando papéis de lideranças nessas organizações. Na Revolução dos Baldinhos, além da atual líder comunitária, outras representantes mulheres assumiram a posição de líderes comunitárias predominando, no decorrer da história, o empoderamento por parte das mulheres na gestão da associação.

Em síntese, a finalidade das acadêmicas perante a execução do presente estudo foi compreender melhor a configuração das organizações da sociedade civil, visto que é uma análise de grande relevância para suas futuras profissões. É esperado que o produto gerado, o vídeo da roda de conversa, inspire futuros trabalhos, seja de grande relevância para o conhecimento da comunidade acadêmica e que sirva de material de estudo para outras organizações da sociedade civil.

“A Revolução significa para mim uma arma bem potente contra a opressão, com ela podemos mostrar que o poder é do povo” - Cíntia Aldaci da Cruz - líder comunitária da Revolução dos Baldinhos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Marcos José de. **Gestão comunitária de Resíduos Orgânicos: o caso do Projeto Revolução dos Baldinhos (PRB), Capital Social e Agricultura Urbana**. 2013. 184 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Agronomia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- ALVES, M. C. **O Crescimento urbano de Florianópolis no contexto da modernização agrícola: o caso da prática de agricultura urbana na comunidade Chico Mendes**. Florianópolis–SC UFSC, 2009.
- ANDER-EGG, E. **Introducción a las técnicas de investigación social: para trabajadores sociales**. 7. ed. Buenos Aires: Humanitas, 1978.
- ANDION, Carolina. **Atuação da sociedade civil no enfrentamento dos efeitos da COVID-19 no Brasil**. Revista de Administração Pública, FGV. Rio de Janeiro, jul. - ago. 2020
- ANDION, C. **A gestão no campo da economia solidária: particularidades e desafios**. RAC, v. 9, n. 1, jan./mar. 2005.
- ANDRÉ, Isabel; ABREU, Alexandre. (2007); **Dimensões e espaços da inovação social. Finisterra: Revista portuguesa de geografia**, v. 41, n. 81, p. 121-141.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edições 70. 1977.
- BIGNETTI, Luiz Paulo. **As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa**. Ciências Sociais Unisinos, v. 47, n. 1. 2011.
- CAJAIBA-SANTANA, G. **Social innovation: Moving the field forward. A conceptual framework, Technological Forecasting and Social Change**. 2014. Howaldt, J., and Schwarz, M., 2010, Social Innovation: Concepts, research fields and international trends, IMA/ZLW.
- CANÇADO, A. C. **Gestão Social e Políticas Públicas de Desenvolvimento: Ações, Articulações e Agenda**. Recife: UNIVASF, 2010.
- CANÇADO, A. C.; PEREIRA, J. R. **Gestão Social: por onde anda o conceito?** In FERREIRA, Marco Aurélio Marques; EMMENDOERFER, Magnus Luiz; GAVA, Rodrigo (Org.). **Administração pública, gestão social e economia solidária: avanços e desafios**. Viçosa: UFV, 2011, 350p.

CORREIA, S. E. N.; OLIVEIRA, V.; GOMEZ, C. R. P. **Dimensions of social innovation and the roles of organizational actor: the proposition of a framework.** RAM – Revista de Administração Mackenzie, v. 17, n. 6, p. 102-133, 2016.

CLOUTIER, J. **Qu'est-ce que l'innovation sociale?** 2003. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/272566640_Qu%27est-ce_que_1%27innovation_sociale>

CULTI, M. N.; KOYAMA, M. A.; TRINDADE, M. **Economia Solidária no Brasil: Tipologia dos Empreendimentos Econômicos Solidários.** São Paulo: Todos os Bichos, 2010.

DANTAS, Catarina; OLIVEIRA, Verônica Macário de; CORREIA, Suzanne Érica Nóbrega. **Inovação Social como promotor de empreendimentos de economia solidária: uma proposição teórica.** AOS, Brazil, v.7, n.1, jan./jun. 2018, p. 53-72.

ECOSOL. **Cooperativa Central Base de Apoio ao Sistema ECOSOL.** Disponível em: <https://www.ecosolbasebrasil.com.br/index.php/economia-solidaria/videos/caracteristicas/>

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

FONTENEAU, Bénédicte et al. **Social and solidarity economy: Building a Common Understanding.** Turin: International Labour Organization, 2010.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. **A problemática da economia solidária: uma perspectiva internacional.** Soc. estado. vol.16 no.1-2 Brasília June/Dec. 2001

FRANÇA FILHO, G. **Esclarecendo terminologias: as noções de terceiro setor, economia social, economia solidária e economia popular em perspectiva.** Revista de Desenvolvimento Econômico, ano II, n. 5, p. 52-60, dez. 2001.

FRANÇA FILHO, G. **Terceiro Setor, economia social, economia solidária e economia popular.** Bahia Análise & Dados, v. 12, n. 1, p. 9- 19, jun. 2002.

FRANÇA FILHO, G. **En croisant le regard: l'économie solidaire en France et au Brésil. La revue du MAUSS, semestrielle,** n. 21 (Alter-économie: quelle autre mondialisation?), Paris: La Découverte, 2003a.

FRANÇA FILHO, G. **A temática da economia solidária e suas contribuições originais para o campo dos estudos organizacionais.** Revista de Administração Pública (RAP), Rio de Janeiro, n. 37(1), jan.- fev. 2003b.

FRANÇA FILHO, G. **Teoria e prática em economia solidária: problemática, desafios e vocação.** v. 7 n. 1 Porto Alegre. jan.-jun. 2007 p. 155-174. Disponível em: <https://base.socioeco.org/docs/a041-7437-1-pb.pdf>

FRANÇA FILHO, G. **Gestão Social: Práticas em debate, teorias em construção.** In: SILVA JR, J. T.; MÂISH, R. T.; CANÇADO, A. C. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.

GAIGER, L. I. **Significados e tendências da Economia Solidária.** In: CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES. Sindicalismo e Economia Solidária. p. 29-42. São Paulo: CUT, 1999.

GAIGER et al. **A economia solidária no RS: viabilidade e perspectivas.** Cadernos do Cedope, São Leopoldo:Unisinos, n. 15, 1999.

GAIGER, Luiz Inácio; FERRARINI, Adriane; VERONESE, Marília. **Conceito de Empreendimento Econômico Solidário: Por uma Abordagem Gradualista.** 2018, vol.61, n.1, pp.137-169. ISSN 1678-4588. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/001152582018149>.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GODOY, S. **Estudo de caso qualitativo.** In: GODOY, C.; BANDEIRADE-MELO, R.; SILVA, A. Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2006.

GODOY, A. S. **Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades,** In Revista de Administração de Empresas, v.35, n. 2, Mar/Abr. p. 57-63. 1995.

GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais.** Revista de Administração de Empresas, v.35, n. 3, p. 20-29, 1995.

HOWALDT, Jürgen; SCHWARZ, Michael. **Social Innovation: Concepts, research fields and international trends.** IMA/ZLW. 2010.

II CONAES - II Conferência Nacional de Economia Solidária. **“Pelo Direito de Produzir e Viver em Cooperação de Maneira Sustentável”.** Documento Base para Etapas Preparatórias. 2010. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/conferencias/Economia_Solidaria_II/texto_base_2_conferencia_economia_solidaria.pdf

III CONAES - III Conferência Nacional de Economia Solidária. “**Construindo um Plano Nacional da Economia Solidária para promover o direito de produzir e viver de forma associativa e sustentável**”. Texto de referência, Contextualização e Balanço Nacional, Secretaria Nacional de Economia Solidária, Ministério do Trabalho e Emprego. 2014. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/luizdenis/texto-de-referenciagrifica>

III PLENÁRIA BRASILEIRA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. **Ata III Plenária Nacional da Economia Solidária**. Disponível em: <https://silo.tips/download/iii-plenaria-nacional-da-economia-solidaria-ata>

LAVILLE, J. L.; GAIGER, L. I. **Economia solidária**. In: HESPANHA et al. (Coord.) **Dicionário internacional da outra economia**. Coimbra: Almedina, 2009.

LECHAT, N. M. P. **As raízes históricas da economia solidária e seu aparecimento no Brasil**. In: SINGER, P. (Org.). *Economia solidária*. v. 1., 2002.

LECHAT, Noëlle Marie Paule. **Economia social, economia solidária, terceiro setor: do que se trata?** *Civitas – Revista de Ciências Sociais* Ano 2, nº 1, junho 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/286311874_Economia_social_economia_solidaria_e_terceiro_setor_do_que_se_trata

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo, Atlas, 2002. 5ª ed., p.p 19-29.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Economia Solidária, outra economia acontece: Cartilha da Campanha Nacional de Mobilização Social**. Brasília: MTE, SENAES, FBES, 2007. (Texto adaptado). Disponível em: http://www.socioeco.org/bdf_fiche-outil-149_pt.html

MIZIK, N.; JACOBSON, R. **Trading Off Between Value Creation and Value Appropriation: The Financial Implications of Shifts in Strategic Emphasis**. *Journal of Marketing*, 67:63-73. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1509/jmkg.67.1.63.18595>. 2003.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. **A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível**. Universidade Federal da Paraíba. *Revista Temas em Educação*. Vol. 23. Ed.. 2014.

MULGAN, Geoff; TUCKER, Simon; Ali, Rushanara; Sanders, Ben. (2007); **Social Innovation. What it is, why it matters and how it can be accelerated.** Oxford Said Business School - Skoll Centre for Social Entrepreneurship.

MURRAY, R.; CAULIER-GRICE, J.; MULGAN, G. (2010); **The Open Book of Social Innovation.** London, NESTA/The Young Foundation. Disponível em: www.nesta.org.uk/publications/assets/features/the_open_book_of_social_innovation.

NEUMEIER, S. (2012); **“Why do Social Innovations in Rural Development Matter and Should They be Considered More Seriously in Rural Development Research? – Proposal for a Stronger Focus on Social Innovations in Rural Development Research”.** Sociologia Ruralis, Vol 52, 48-69.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica.** São Paulo: Pioneira. 1997.

PATIAS, Tiago Zardin; PERLIN, Ana Paula; KRUGLIANSKAS, Isak; GOMES, João Renato da Silva. **Modelos de Análise da Inovação Social: O Que Temos Até Agora?** 2017.

PEREIRA, Fernando Oscar Ruttkey. **Características da habitação de interesse social na Região de Florianópolis: desenvolvimento de indicadores para melhoria do setor.** In. Coleção Habitare. Vol 1, Florianópolis, 2006.

PEREIRA, Marliange da Silva. **Mecanismos de Participação e Organização Comunitária: Um Estudo Na Região Chico Mendes.** Trabalho de Conclusão do MBA em Gestão Urbana, Habitacional e do Desenvolvimento Social. Florianópolis, 2005.

PERES, L. F. B. **Avaliação das políticas públicas no âmbito da pós-ocupação da habitação de interesse social.** In: PEREIRA, F. O. R. & KREMER, A. (Editores): Características da habitação de interesse social na região de Florianópolis: desenvolvimento de indicadores para melhoria do setor. Relatório Final de Projeto de Pesquisa. FINEP-Habitare/BID, CD-ROM, Florianópolis/SC, 2000.

PERES, Lino Fernando Bragança. **Crisis de un patron de desarrollo territorial y su impacto urbano habitacional en Brasil (1994-1992)” : La punta del iceberg: Los “sin-techo” en la región de Florianópolis, SC. Cidade Universitária, México, 1994.** Tese (Doctorado en Urbanismo) – División de Estudios de Posgrado – Facultad de Arquitectura, Universidad Nacional Autónoma de México – UNAM, 2v.

PINHEIRO, Eliana Moreira; KAKEHASHI, Tereza Yoshiko; ANGELO, Margareth. **O uso de filmagem em pesquisas qualitativas.** Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto , v. 13, n. 5, p. 717-722, Oct. 2005 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692005000500016&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Oct. 2020.

PINHO, J. A. G. de. **Gestão social: conceituando e discutindo os limites e possibilidades reais na sociedade brasileira.** In RIGO, A. S.; SILVA JÚNIOR, J. T.; SCHOMMER, P. C. 2010.

PHILLS JR., James A.; DEIGLMEIER, Kriss; MILLER, Dale T. **Rediscovering Social Innovation.** Stanford Social Innovation Review. 2008.

PORTO, Pedro Augusto Cruz; OPUSZKA, Paulo Ricardo. **Economia solidária, seus princípios e sua extensão como vetor para construção de um novo cidadão.** Revista Jurídica, v. 1, n. 38, 2015. Disponível em: <http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RevJur/article/viewFile/1429/970>.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Projeto Bom Abrigo. **Programa Habitar Brasil/BID: Urbanização, Habitação e Desenvolvimento Comunitário da Região do Chico Mendes.** v. 7, Florianópolis, 2000.

RAMOS, Maria da Conceição Pereira. **Economia solidária, inovação social, empreendedorismo e desenvolvimento local. Educação e formação de adultos: políticas, práticas e investigação.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, N. M. F.; LEAL, R. S.; BOAVENTURA, E. M. **Metodologias qualitativas de pesquisa.** Salvador: Fast Design, 2008.

SINGER, Paul. **Economia solidária versus economia capitalista.** Soc. estado. [online]. 2001, vol.16, n.1-2, pp.100-112. ISSN 0102-6992. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922001000100005>.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. 138 p. Disponível em: <www.posarq.ufsc.br/download/metPesq.pdf>.

SOARES, Maria de Nazaré Moraes; SILVA, Aúrio Lúcio Leocádio da; REBOUÇAS, Sílvia Maria Dias Pedro. **Complexidade e Capital Social na Economia Solidária: Evidências Empíricas dos Empreendimentos Organizados em Redes no Brasil.** In: XL ENCONTRO

DA ASSOCIAÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO - EnANPAD. Anais [...] Bahia, Costa de Sauipe, 2016.

SOUZA, C. A. A.; FILHO, J. C. L. S. **Dimensões da Inovação Social e Promoção do Desenvolvimento Econômico Local no Semiárido Cearense**. Rio de Janeiro. XXXVIII Encontro da ANPAD. 2014.

STAKE, R. (1988). Case Studies. In: Denzin, N. K., & Lincoln, I. S. **Strategies of Qualitative Inquiry**. Thousands Oaks/London: Sage Publications.

TENÓRIO, Fernando Guilherme. **Responsabilidade Social Empresarial: Teoria E Prática**. Coleção FGV prática. Editora FGV Editora. ISBN 8522504857, 9788522504855. 259 páginas. 2004.

TENÓRIO, Fernando Guilherme. **Gestão Social: uma perspectiva conceitual**. RAP, Revista de Administração Pública, FGV. Rio de Janeiro. Novembro, 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/viewFile/7754/6346>

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VICTORA, C. G; KNAUTH, D. R.; HASSEN, M. N. A. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema**. Porto Alegre. 2000.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Termos de Autorização de Uso de Imagem e Áudio assinados:

Associação Revolução dos Baldinhos - CNPJ 34.985.188/0001-96

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Neste ato, Kathelin da Silva, nacionalidade _____, estado civil _____, portador da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito no CPF/MF sob nº _____, residente à _____ Av/Rua _____, nº. _____, município de _____/Santa Catarina. AUTORIZO o uso de minha imagem e áudio em todo e qualquer material entre vídeos, fotos e documentos, para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso das acadêmicas Marcela Silva e Adam e Maryane Cristina de Souza, sob a responsabilidade da professora orientadora Dra. Helena Kuerten, do curso de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Universitário Professor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis - SC com o objetivo de compor um áudio-visual (vídeo) de um arquivo histórico dos membros que já passaram pela Revolução dos Baldinhos. O vídeo apresentará uma roda de conversa com ex-membros da Associação em que os temas Economia Solidária e Inovação Social serão discutidos visando o reconhecimento desses dois assuntos durante a existência da Revolução dos Baldinhos. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e áudio acima mencionados em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) áudio-visual; (II) monografia; (III) sítios da internet; (IV) artigo e (V) materiais de divulgação dos referidos áudio-visual.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem, áudio ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Florianópolis, dia 14 de março de 2020.

Kathelin da Silva
(assinatura)

Nome:
Telefone p/ contato:

Associação Revolução dos Baldinhos - CNPJ 34.985.188/0001-96

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Neste ato, Wesley Pereira Rodrigues, nacionalidade _____, estado civil _____, portador da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito no CPF/MF sob nº _____, residente à _____ Av/Rua _____, nº. _____, município de _____/Santa Catarina. AUTORIZO o uso de minha

imagem e áudio em todo e qualquer material entre vídeos, fotos e documentos, para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso das acadêmicas Marcela Silva e Adam e Maryane Cristina de Souza, sob a responsabilidade da professora orientadora Dra. Helena Kuerten, do curso de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Universitário Professor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis - SC com o objetivo de compor um áudio-visual (vídeo) de um arquivo histórico dos membros que já passaram pela Revolução dos Baldinhos. O vídeo apresentará uma roda de conversa com ex-membros da Associação em que os temas Economia Solidária e Inovação Social serão discutidos visando o reconhecimento desses dois assuntos durante a existência da Revolução dos Baldinhos. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e áudio acima mencionados em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) áudio-visual; (II) monografia; (III) sítios da internet; (IV) artigo e (V) materiais de divulgação dos referidos áudio-visual.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem, áudio ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Florianópolis, dia 14 de março de 2020.

Wesley Pereira Rodrigues
(assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato:

Associação Revolução dos Baldinhos - CNPJ 34.985.188/0001-96

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Neste ato, Guilherme Augusto Fabrin, nacionalidade brasileiro, estado civil solteiro, portador da Cédula de identidade RG n.º 04727802988, inscrito no CPF/MF sob n.º 04727802988, residente à Av/Rua serv. João Batuel da Cunha, n.º 208, município de Epólis /Santa Catarina. AUTORIZO o uso de minha

imagem e áudio em todo e qualquer material entre vídeos, fotos e documentos, para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso das acadêmicas Marcela Silva e Adam e Maryane Cristina de Souza, sob a responsabilidade da professora orientadora Dra. Helena Kuerten, do curso de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Universitário Professor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis - SC com o objetivo de compor um áudio-visual (vídeo) de um arquivo histórico dos membros que já passaram pela Revolução dos Baldinhos. O vídeo apresentará uma roda de conversa com ex-membros da Associação em que os temas Economia Solidária e Inovação Social serão discutidos visando o reconhecimento desses dois assuntos durante a existência da Revolução dos Baldinhos. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e áudio acima mencionados em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) áudio-visual; (II) monografia; (III) sítios da internet; (IV) artigo e (V) materiais de divulgação dos referidos áudio-visual.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem, áudio ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Epólis, dia 14 de março de 2020.

Guilherme A. Fabrin
(assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato: (48) 9 96324534

Associação Revolução dos Baldinhos - CNPJ 34.985.188/0001-96

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Neste ato, Beatriz Antunes da Rosa, nacionalidade Brasil, estado civil Solteira, portador da Cédula de identidade RG n°. _____, inscrito no CPF/MF sob n° 111.881.249-27, residente à Av/Rua Joãoquim Abreu, n°. 1100, município de Florianópolis/Santa Catarina. AUTORIZO o uso de minha imagem e áudio em todo e qualquer material entre vídeos, fotos e documentos, para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso das acadêmicas Marcela Silva e Adam e Maryane Cristina de Souza, sob a responsabilidade da professora orientadora Dra. Helena Kuerten, do curso de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Universitário Professor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis - SC com o objetivo de compor um áudio-visual (vídeo) de um arquivo histórico dos membros que já passaram pela Revolução dos Baldinhos. O vídeo apresentará uma roda de conversa com ex-membros da Associação em que os temas Economia Solidária e Inovação Social serão discutidos visando o reconhecimento desses dois assuntos durante a existência da Revolução dos Baldinhos. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e áudio acima mencionados em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) áudio-visual; (II) monografia; (III) sítios da internet; (IV) artigo e (V) materiais de divulgação dos referidos áudio-visual.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem, áudio ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Março Ferreira, dia 14 de Março de 2020.

Beatriz Rosa
(assinatura)

Nome: Beatriz
Telefone p/ contato: 985 02 0651

Associação Revolução dos Baldinhos - CNPJ 34.985.188/0001-96

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Neste ato, Antônio Aldoni Cruz, nacionalidade _____, estado civil _____, portador da Cédula de identidade RG nº. 059.076709-75, inscrito no CPF/MF sob nº _____, residente à _____ Av/Rua _____, nº. _____, município de _____/Santa Catarina. AUTORIZO o uso de minha

imagem e áudio em todo e qualquer material entre vídeos, fotos e documentos, para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso das acadêmicas Marcela Silva e Adam e Maryane Cristina de Souza, sob a responsabilidade da professora orientadora Dra. Helena Kuerten, do curso de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Universitário Professor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis - SC com o objetivo de compor um áudio-visual (vídeo) de um arquivo histórico dos membros que já passaram pela Revolução dos Baldinhos. O vídeo apresentará uma roda de conversa com ex-membros da Associação em que os temas Economia Solidária e Inovação Social serão discutidos visando o reconhecimento desses dois assuntos durante a existência da Revolução dos Baldinhos. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e áudio acima mencionados em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) áudio-visual; (II) monografia; (III) sítios da internet; (IV) artigo e (V) materiais de divulgação dos referidos áudio-visual.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem, áudio ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Florianópolis, dia 14 de março de 2020.

(assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato:

Associação Revolução dos Baldinhos - CNPJ 34.985.188/0001-96

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Neste ato, rafael, nacionalidade _____, estado civil _____, portador da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito no CPF/MF sob nº _____, residente à _____ Av/Rua _____, nº. _____, município de _____/Santa Catarina. AUTORIZO o uso de minha

imagem e áudio em todo e qualquer material entre vídeos, fotos e documentos, para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso das acadêmicas Marcela Silva e Adam e Maryane Cristina de Souza, sob a responsabilidade da professora orientadora Dra. Helena Kuerten, do curso de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Universitário Professor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis - SC com o objetivo de compor um áudio-visual (vídeo) de um arquivo histórico dos membros que já passaram pela Revolução dos Baldinhos. O vídeo apresentará uma roda de conversa com ex-membros da Associação em que os temas Economia Solidária e Inovação Social serão discutidos visando o reconhecimento desses dois assuntos durante a existência da Revolução dos Baldinhos. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e áudio acima mencionados em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) áudio-visual; (II) monografia; (III) sítios da internet; (IV) artigo e (V) materiais de divulgação dos referidos áudio-visual.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem, áudio ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Florianópolis, dia 14 de março de 2020.

RAFAEL

(assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato:

Associação Revolução dos Baldinhos - CNPJ 34.985.188/0001-96

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Neste ato, Edna Regina Melipari, nacionalidade _____, estado civil _____, portador da Cédula de identidade RG nº _____, inscrito no CPF/MF sob nº _____, residente à Av/Rua _____, nº _____, município de _____/Santa Catarina. AUTORIZO o uso de minha

imagem e áudio em todo e qualquer material entre vídeos, fotos e documentos, para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso das acadêmicas Marcela Silva e Adam e Maryane Cristina de Souza, sob a responsabilidade da professora orientadora Dra. Helena Kuerten, do curso de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Universitário Professor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis - SC com o objetivo de compor um áudio-visual (vídeo) de um arquivo histórico dos membros que já passaram pela Revolução dos Baldinhos. O vídeo apresentará uma roda de conversa com ex-membros da Associação em que os temas Economia Solidária e Inovação Social serão discutidos visando o reconhecimento desses dois assuntos durante a existência da Revolução dos Baldinhos. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e áudio acima mencionados em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) áudio-visual; (II) monografia; (III) sítios da internet; (IV) artigo e (V) materiais de divulgação dos referidos áudio-visual.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem, áudio ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Florianópolis, dia 14 de março de 2020.

Edna Regina Melipari
(assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato:

Associação Revolução dos Baldinhos - CNPJ 34.985.188/0001-96

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Neste ato, Sabrina Rodrigues, nacionalidade Brasileira, estado civil Solteira, portador da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito no CPF/MF sob nº 104.324.849-81, residente à Av/Rua S. Frei domício, nº. 19, município de Florianópolis/Santa Catarina. AUTORIZO o uso de minha imagem e áudio em todo e qualquer material entre vídeos, fotos e documentos, para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso das acadêmicas Marcela Silva e Adam e Maryane Cristina de Souza, sob a responsabilidade da professora orientadora Dra. Helena Kuerten, do curso de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Universitário Professor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis - SC com o objetivo de compor um áudio-visual (vídeo) de um arquivo histórico dos membros que já passaram pela Revolução dos Baldinhos. O vídeo apresentará uma roda de conversa com ex-membros da Associação em que os temas Economia Solidária e Inovação Social serão discutidos visando o reconhecimento desses dois assuntos durante a existência da Revolução dos Baldinhos. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e áudio acima mencionados em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) áudio-visual; (II) monografia; (III) sítios da internet; (IV) artigo e (V) materiais de divulgação dos referidos áudio-visual.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem, áudio ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Florianópolis, dia 14 de Março de 2020.



(assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato:

Associação Revolução dos Baldinhos - CNPJ 34.985.188/0001-96

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Neste ato, Denis Pinheiro, nacionalidade Brasileira, estado civil casado, portador da Cédula de identidade RG nº. 103.064.252-12, inscrito no CPF/MF sob nº 19, residente à Av/Rua Senor. Frei Domício, nº. 19, município de Gr/Santa Catarina. AUTORIZO o uso de minha imagem e áudio em todo e qualquer material entre vídeos, fotos e documentos, para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso das acadêmicas Marcela Silva e Adam e Maryane Cristina de Souza, sob a responsabilidade da professora orientadora Dra. Helena Kuerten, do curso de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Universitário Professor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis - SC com o objetivo de compor um áudio-visual (vídeo) de um arquivo histórico dos membros que já passaram pela Revolução dos Baldinhos. O vídeo apresentará uma roda de conversa com ex-membros da Associação em que os temas Economia Solidária e Inovação Social serão discutidos visando o reconhecimento desses dois assuntos durante a existência da Revolução dos Baldinhos. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e áudio acima mencionados em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) áudio-visual; (II) monografia; (III) sítios da internet; (IV) artigo e (V) materiais de divulgação dos referidos áudio-visual.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem, áudio ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Florianópolis, dia 14 de Março de 2020.

Denis Pinheiro

(assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato:

APÊNDICE 2 – Orçamento serviço de mão de obra de estampas em camisetas:



estampa livre

Confecção e estamparia

ORÇAMENTO

Solicitante:

Nome: Associação revolução dos baldinhos	Orçamento nº	1323
	Data do orçamento: 12/02/2020	
	Validade do orçamento: 10 dias	
Contato:		

Item	Produto	Qtd.	Frete	Preço un.	Preço total
01	Serviço de mão de obra de estampas em Camisetas	50		R\$ 8,00	R\$ 400,00

Nº de Itens	Qtd	Desconto	Frete	Valor total	Prazo de entrega: 5 dias úteis
01	50			R\$ 400,00	Validade do orçamento: 10 dias

Formas de pagamento:

- ✓ 50% no ato do pedido, 50% na retirada do pedido;
- ✓ DADOS BANCÁRIOS:
- ✓ Banco Santander – AG 1602 – C/C 1300193
- ✓ Favorecido: Newton Antonio de Almeida
- ✓ CNPJ: 23.646.778/0001-78

- ✓ Pagamento em dinheiro: Valor do orçamento;
- ✓ Pagamento com Cartão de Débito: acréscimo de 3% no valor do orçamento;
- ✓ Pagamento com Cartão de Crédito: acréscimo de 5% no valor do orçamento;
- ✓ Pagamento com Cartão Crédito Parcelado (acréscimo de 14,99%).
- ✓ Não aceitamos pagamento com cheque.

APÊNDICE 3 – Diária de captação + edição e Segunda edição com novos materiais e criação:



Valor Final

Diária de captação + edição: R\$ 997,00

Desconto especial para este trabalho acadêmico: **-R\$ 600,00**

Segunda edição com novos materiais e criação: R\$ 697,00

Desconto especial para este trabalho acadêmico: **-R\$ 397,00**

Total: R\$ 697,00